



Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Inês Rodrigues Santos

A Educação na Morte
Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Clementina da Conceição Nogueira

Almada, 2020

Inês Rodrigues Santos

A Educação na Morte

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar / Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho n.º 1105/2010 (Diário da República, 2.ª série – n.º 10 - 15 de janeiro de 2010).

Orientadora: Professora Doutora Clementina da Conceição Nogueira

Almada, Outubro, 2020

Dedicatória

Para a Teresa, o Fernando,
o Hugo e a Maria Clara.

Agradecimentos

Para a realização do presente relatório final, contei com o apoio de várias pessoas, às quais estou imensamente grata. Tendo ciente na minha mente que me poderei esquecer de agradecer a alguém, mas mesmo assim quero aqui expressar os meus agradecimentos.

Agradeço à minha orientadora Doutora Clementina Nogueira, pelas orientações, pela ajuda e pela sua disponibilidade imediata quando a solicitava.

À professora Helena de Castro, por sempre estar disponível ao longo destes cinco anos no Instituto, por ser a calma e ser o nosso coração sem deixar de ser racional.

À professora Rita Alves, por me contrariar e por demolir os muros dando-me uma nova definição de aprendizagem.

À minha orientadora de vários estágios, Professora Teresa Rodrigues, por se disponibilizar constantemente a aceitar-me na sua sala, por me ensinar e por me deixar ensinar-lhe o pouco que sei.

À Educadora, Educadora Ana Dórdio, por tão bem me receber, por me ensinar, por me acolher, por me transmitir e por ser fantástica.

Às Auxiliares Rosário e Gorette, por me tratarem como uma de vós, por me transmitirem conhecimentos e por terem um coração do tamanho do mundo.

À minha mãe, a minha luz ao fundo do túnel. Obrigada pelos sacrifícios, pela tua ajuda, por sempre acreditares em mim, pelas palavras de coragem e por mostrares como és orgulhosa de mim.

Ao meu pai, obrigada pelos sacrifícios, por tudo o que no teu silêncio me deste e mesmo sem te expressares por todo o amor das entrelinhas.

Ao meu irmão, por me tirar do sério, mas por estar sempre lá quando preciso de alguma coisa.

À minha melhor amiga, Patrícia, por sempre acreditar em mim e dar-me força para continuar mesmo não estando presente fisicamente.

À amiga que passados muitos anos me mostrou que podemos sempre voltar onde já fomos felizes, que está sempre disposta a tudo a qualquer hora, Rita.

Às amigas que a vida me meteu no caminho, Olga, Raquel, por me darem incentivo para acabar esta minha caminhada, pelas longas conversas e por ouvirem os meus desabafos.

O agradecimento mais especial de todos, à minha filha, Maria Clara, por ser a primeira semente do amor que plantei no mundo, por me deixar praticar com ela tudo aquilo que quero transmitir, por me dar o prazer de escrever este trabalho com ela sempre ao meu lado, por ser a minha companheira da vida.

Os sonhos sonhados, são sonhos para cumprir!

“Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado.”

Roberto Shinyashiki

Resumo

O presente projeto pretende apresentar como é vivenciada a perda por parte da criança de um dos progenitores, nas valências do pré-escolar e do 1º ciclo, de modo a proporcionar à comunidade mais chegada à criança como os docentes, formas adequadas de intervir sobre a temática do luto. O objetivo primordial é auxiliar o docente para que este consiga intervir de forma ativa e positiva no luto da criança em contexto de sala de aula.

Considera-se que o presente estudo é relevante, pois existe um grande défice de informação e ainda uma necessidade de se falar, refletir e discutir sobre o tema, de modo a que o mesmo deixe de ser tabu.

É fundamental salientar alguns dos resultados obtidos através da pesquisa de informação e da realização de entrevistas. A falta de informação por parte dos docentes no seu percurso académico, fez com que muitos dos docentes agissem com a ajuda da sua vida pessoal, no que toca ao auxílio à criança que viveu a perda. A ajuda dos progenitores vivos em conjunto com o/a docente e com um profissional especializado é um ponto fundamental no que toca à boa vivência do luto. O reforço positivo e mostrar que o docente está sempre lá, pronto para o que der e vier e algo que a criança não esquece e tende a procurar nos momentos que considera que estão a ser os mais difíceis.

Esta temática do luto e da morte tem sido e continuam a ser assuntos que não só são pouco falados, como também são pouco estudados. É importante possibilitar a inclusão da morte na educação.

Palavras-chave: morte, criança, perda, luto, progenitor/a.

Abstract

The present investigation pretends to present the experience of the loss of one parent by a child, in the valence of kindergardner and elementary school, in way to delivery to the closest community around the child, like the teachers, possibilities to intervene about the matter of mourning. The primary objective is to assign skills in the teacher in means to achieve to step in in active and positive form on the child mourning in classroom context.

It is considered that the present project is relevant, because exists a great deficit of information and still a great need to talk, reflect and discuss over the topic, so that the same stop being a tabu.

It is fundamental to underline some results gathered by information research and interviews. The lack of information by the teachers on their academic path, has made plenty of the same teachers act with the help of their own personal life on what is related to aid the child that experienced the loss. The help from the living parent combined with the teacher and a specialized professional is a fundamental point in a good experience of mourning. The positive reinforcement and a demonstration from the teacher that he is there to help, at anytime, is something that the child does not forget and tends to search in moments of need.

The themes of mourning and death has been and still continues to be issues that not only are not quite debated, as not quite studied.

It is important to enable the inclusion of death in education.

Key word: death, child, loss, mourning, parent

Índice Geral

Índice de Quadros	xi
Índice de Apêndices	xii
Índice de Anexos	xiii
Lista de Siglas	xiv
Introdução.....	1
Capítulo I – Práticas de Ensino Supervisionadas (PES)	3
1. Prática de Ensino Supervisionada I	3
2. Prática de Ensino Supervisionada II	5
3. O meu contributo na investigação.....	6
Capítulo II – Identificação do problema/ Fundamentação Teórica	7
1. A Educação na Morte	7
2. Perda, a origem do luto	8
3. A morte e a criança	9
4. Contar ou não contar?.....	11
5. Da perda à escola	12
Capítulo III – Metodologia	15
1. Caracterização dos Entrevistados.....	15
2. Técnica de Recolha de dados.....	16
3. Procedimentos.....	17
Capítulo IV – Análise e Apresentação de Dados	18
Capítulo V – Implicação do estudo para a prática profissional	25
Capítulo VI – Considerações Finais	27
Referências Bibliograficas	28
Apêndices.....	30
Apêndice A	31
Apêndice B	34
Apêndice C	37
Apêndice D	39
Apêndice E	45
Apêndice F	49
Apêndice G.....	53
Apêndice H.....	57
Anexos.....	62
Anexo A	63

Anexo B	65
---------------	----

Índice de Quadros

Tabela 1 - Tabela Síntese	61
---------------------------------	----

Índice de Apêndices

Apêndice A - Entrevista - Pré-escolar	31
Apêndice B - Entrevista - 1º Ciclo	34
Apêndice C - Declaração de Consentimento	37
Apêndice D - Transcrição da entrevista - Pré-escolar	39
Apêndice E - Transcrição da entrevista - 1º Ciclo	45
Apêndice F - Transcrição da entrevista - Pré-escolar	49
Apêndice G - Transcrição da entrevista - 1º Ciclo	53
Apêndice H - Tabela Síntese	57

Índice de Anexos

Anexo A - Declaração RCAAP	63
Anexo B - Licença de Distribuição não Exclusiva.....	65

Lista de Siglas

PES – Prática de Ensino Supervisionada

IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social

Introdução

O presente trabalho consiste no Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada associada ao Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Ao longo da minha formação deparei-me com certas lacunas pedagógicas, que várias vezes me fizeram pensar e voltar a pensar no percurso que decidi tomar, por me sentir insegura, por saber que nunca vamos saber tudo, pois, na realidade a vida é uma constante aprendizagem.

Confrontei-me, então, com a grande necessidade de encontrar não um tema, mas sim, o tema. Aquele que iria enriquecer-me a nível pedagógico, profissional e também a nível pessoal. Nesse sentido, considerei desenvolver neste âmbito uma investigação que é motivada pela minha necessidade de aprender como lidar com o luto nas crianças, caso algum dia uma situação destas surja no meio profissional. Desta forma, emerge a possibilidade e o grande querer de trabalhar o tema do luto, a forma como é realizada a gestão a nível de sala de aula com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores.

Na vida quotidiana das pessoas a morte é algo que está presente, que gera emoções e reações de vários tipos. Embora o ser humano tenha consciência de que a morte irá ocorrer em algum momento da sua vida, esta não é encarada como um processo natural, mas sim como um acontecimento que envolve dúvidas, medos e receios.

A morte é um tema difícil de ser falado, mesmo entre adultos quando se trata de crianças este assunto tende a ficar ainda mais complicado, pois estas não têm as vivências e as capacidades que o adulto detém para compreender, aceitar e ultrapassar uma situação tão pesada como a perda de um ente querido.

Os adultos compreendem que as crianças não estão preparadas emocionalmente para lidarem com a perda, por isso, é difícil para o adulto saber a melhor forma de lidar com a situação. Estes, quando questionados pela criança apresentam-se ansiosos e com medo de qual será a próxima questão, terminando a conversa contornando o assunto e dando uma explicação pouco lógica. Yamaura, L.P.M. (2016).

O falar da morte não tem como objetivo criar dor e muito menos aumentá-la, pelo contrário, tende a aliviar a criança ajudando-a a lidar com a perda.

A presente pesquisa tem como objetivo contribuir para que o docente possa atuar perante situações de perda de um progenitor em contexto de sala de aula, nas valências de Pré-Escolar e 1º Ciclo.

Foram elaboradas entrevistas que posteriormente foram realizadas de modo a compreender como os educadores e professores do 1º ciclo lidam com a criança após a perda.

O presente documento apresenta-se dividido em sete partes, sendo que eles serão apresentados e caracterizados de seguida:

- “Introdução” – Neste item é abordado de forma sucinta a estrutura do mesmo e o seu conteúdo;
- “Capítulo I- Práticas de Ensino Supervisionada” – Aqui, é falado como foi o percurso da PES, tanto da PES I como da PES II e ainda o meu contributo para a investigação;
- “Capítulo II- Identificação do Problema/ Fundamentação Teórica” - Neste capítulo é feito o reconhecimento do tema, o porquê da escolha do tema, e os vários subtemas inerentes ao tema principal;
- “Capítulo III- Metodologia” - É apresentado o método que o investigador utilizou para a realização da presente investigação, são ainda apresentados os procedimentos, as técnicas de recolha de dados e é feita a caracterização dos entrevistados;
- “Capítulo IV- Análise e apresentação dos dados” – São apresentados os resultados obtidos através das entrevistas que foram realizadas;
- “Capítulo V- Implicação do estudo para a prática profissional” – Neste capítulo é apresentada a forma como a presente investigação e todo o percurso que inclui as PES, me ajudou enquanto futura profissional na área da educação. O meu enriquecimento profissional, pessoal, emocional.
- “Capítulo VI- Considerações Finais” — De forma sumária é apresentada uma reflexão sobre o que foi a elaboração do presente documento. O que vivenciei e observei.

Capítulo I – Práticas de Ensino Supervisionadas (PES)

Durante todo o percurso no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizei dois períodos de PES, um na valência de Pré-escolar e outro na valência de 1º Ciclo, irei apresentá-los.

1. Prática de Ensino Supervisionada I

Realizei a PES I na valência de Educação Pré-Escolar e foi muito importante para mim, embora já tivesse tomado contacto com esta valência a nível da licenciatura. Desta vez tive um misto de emoções, pois fui já com o pensamento que esta seria a última vez que iria intervir a nível académico e por isso tentei absorver tudo o que me foi transmitido pela educadora e pelas auxiliares, ao máximo, tendo plena consciência de que não sairia a saber tudo e que a vida é uma eterna aprendizagem.

A grande maioria dos alunos da turma de mestrado são trabalhadores estudantes, e muitos de nós na área de Educação e como tal tivemos dificuldades em conciliar os estágios que só poderiam ser feitos de manhã e durante o horário letivo com os trabalhos. Como forma de nos facilitar a organização a coordenação dos estágios deu-nos a possibilidade de trocar a ordem dos estágios, isto é, em primeiro lugar estava previsto a realização do estágio na valência do Pré-Escolar e posteriormente do 1ºCiclo, então tivemos a oportunidade de realizar primeiro o 1ºCiclo e depois o Pré-Escolar. Para mim, faz-me mais sentido seguir a ordem que as crianças também seguem (primeiro Pré-Escolar e depois 1º Ciclo) e como também consegui conciliar o trabalho com o estágio, segui a ordem inicial (Pré-Escolar e 1ºCiclo).

Fui para este estágio de forma diferente, com a vontade de aprender muito mas sem expectativas, no que toca à relação com as pessoas, pois as experiências anteriores a mim tocaram-me de forma negativa, pois considero que sou uma pessoa por quem facilmente se sente empatia e não fui de todo bem acolhida. Sentia que não me queriam ali e que estavam com medo que fosse para “roubar” o lugar de alguém, mas apesar de ter tido experiências menos boas o que é facto é que fui muito bem recebida, por toda a gente, consegui realmente compreender que nem toda a gente é igual e que ainda há pessoas que estão prontas a ensinar-te o que melhor sabem. Estive sempre à vontade e principalmente à vontade para questionar e para consultar todos os documentos que necessitava.

Quanto às crianças, tive de as ganhar, sem rodeios, foi assim, aos poucos e poucos fui conquistando cada uma delas, assim como às suas famílias. Sinto que tanto este como todos os outros estágios foram um complemento à parte teórica de uma importância extrema. O que aprendi na teoria deu-me bases fundamentais para o meu desempenho no estágio, o saber a

teoria ajudou-me a entender certos comportamentos das crianças, ajudou-me a adaptar as várias atividades às várias idades, entre outros.

O estágio foi o compilar de todos os ensinamentos, foi o passar do papel para a prática, foi ver que nem tudo o que idealizamos, o que planificamos corre a 100%, pois existem sempre imprevistos, que nem tudo o que pensamos fazer, dá para colocar em prática, por várias vezes pensei em coisas que gostaria de fazer com as crianças, que a educadora acabou por me chamar à atenção que existem coisas que por mais giras e que por mais de encontro que vão ao que está a ser tratado que são difíceis de colocar em prática. Recordo-me que como estávamos a trabalhar a Reciclagem, propus à educadora levar as crianças ao centro de reciclagem que se encontra situado no nosso conselho, o que ela me disse foi que sim que seria uma ótima ideia mas que devido às burocracias era impossível. Foi ainda constatar que as crianças são seres tão puros que conseguem apanhar-nos de surpresa mesmo quando achamos que pensamos em tudo ou em todas as respostas.

Para além de tudo isto, este estágio enriqueceu-me a nível profissional, mas não só, também a nível pessoal. Posso dizer que reaprendi valores que vão viver em mim para sempre como, a responsabilidade, o respeito e a entreaajuda.

Consegui compreender que o adulto é o ponto de equilíbrio da sala, qualquer adulto, pois desta vez não senti diferenciação entre a auxiliar e a educadora. O espírito de entreaajuda era de uma dimensão que embora houvesse estatutos a ajuda entre colegas era o maior ponto diferenciador.

Relativamente ao projeto que desenvolvi ao longo da PES, este foi escolhido com a ajuda da educadora, não queria chegar e pedir para que fosse algo que eu tivesse pensado. Visto que o que era pedido era que o projeto fosse desenvolvido sobre algo que as crianças tivessem “falta”, e desta forma em conversa com a educadora, acabamos por decidir em realizar um projeto sobre a Reciclagem, pois era uma temática atual e que ela tentara em tempos colocar em prática mas sem muitos resultados.

Elaboramos jogos, atividades relacionadas com o tema, fizemos um livro grande totalmente manual a partir de uma história que já existia, fizemos o reconto da história, fomos aos ecopontos fazer a reciclagem do lixo que tínhamos em sala de aula. E por o meio da reciclagem fomos trabalhando as épocas festivas com a reciclagem sempre pelo meio. Ajudei a educadora em todas as outras tarefas que haviam para se fazer, sempre que ela precisava e que me chamava para ajudar.

Quando tudo está a ficar cheio de afeto, de amor e de confiança é quando tudo termina, esta sim, foi a parte mais difícil deste estágio, queria muito que tudo durasse mais, um bocadinho mais.

As relações estavam construídas, eram sólidas e baseadas na confiança deles em mim e de mim neles. Com as famílias, que na minha opinião são o elo que liga a escola às crianças, o laço que criamos foi muito bonito, sentia-me em casa, confiavam-me as crianças e tratavam-me como se fosse da casa. Considero que enquanto estagiária fui dinâmica, responsável e tentei sempre que possível ser empreendedora no que trazia para a sala. Desenvolvi relações bastante positivas, foi realmente um prazer aprender.

2. Prática de Ensino Supervisionada II

A segunda etapa da PES foi realizada na valência de 1º ciclo, com uma turma do 3º ano. Assim que iniciei o meu estágio fui muito bem recebida tanto pela professora como pelas crianças.

Não foi de todo fácil pois, vinha de uma valência completamente diferente daquela que iria iniciar, foi literalmente, sair de uma e começar noutra. O tempo de estágio não foi o suficiente para adquirir as aprendizagens e vivenciar tudo o que tinha em mente, contudo, olhando para trás ainda consigo encontrar alguns ensinamentos que me foram transmitidos pela professora e pelos meninos.

Este estágio foi marcado pela grande mudança que houve na vida de todos: fomos abalados pela pandemia do Covid-19. Para mim foi difícil terminar o estágio desta forma, com dever cumprido pela metade, não ter tido tempo de criar laços tão fortes quanto idealizei e ainda mais custou não ter tido tempo para me despedir daquele que seria o último, o último estágio enquanto estudante do ensino superior.

As intervenções que tive foram poucas, pois não houve tempo para mais. Uma das sensações que tive no pouco tempo que estive com aqueles meninos era que a escola queria dar-lhes tanto, a nível de atividades extracurriculares que acabou por preencher em demasia a sua vida escolar, isto é, durante o período que tinham de aulas, a escola oferecia-lhes imensas atividades como a natação, os toca a rufar, apoios das várias áreas que acabavam por não passar quase tempo nenhum em sala com a professora a trabalhar os conteúdos do programa.

Relativamente ao projeto que desenvolvi ao longo da PES II, este foi o mesmo que no Pré-Escolar, propositadamente. Digo isto pois para além da Reciclagem ser um tema atual, que está constantemente a ser abordado, eu própria quis compreender de que forma é que o tema poderia ser desenvolvido nas várias valências, e assim foi. Embora tivéssemos tido pouco tempo como já referi anteriormente, o plano era elaborar uma tela gigante com recurso a uma história, com materiais reutilizados, por exemplo: fazer o fundo do mar com sacos de plástico que já tinham tido outra finalidade. Tinha ainda planeado fazermos fichas com conteúdos do programa curricular alusivos à reciclagem.

E por o meio da reciclagem fomos trabalhando as épocas festivas com a reciclagem sempre pelo meio. Ajudei a professora em todas as outras tarefas que haviam para se fazer, sempre que ela precisava e que me chamava para ajudar, no curto espaço de tempo que tivemos.

Consegui fazer uma reflexão sobre o meu percurso, sobre todos os pontos da minha vida académica e aprendi que devemos ser seres humanos capazes de ajudar o próximo, capazes de não pensar só em nós, capazes de compreender o que vai na cabeça e no coração dos que estão à nossa volta.

3. O meu contributo na investigação

O meu contributo não está relacionado com nenhuma das duas PES. Este, nasce da vontade de acabar com algumas lacunas, que a meu ver, tanto a Licenciatura em Educação Básica como o Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico têm.

Parte de uma vontade em querer entender como será a melhor forma de agir mediante esta problemática da morte de um progenitor, a quando profissional de educação. Por ser um tema que por várias vezes passou pela minha vida, por ser algo que irei ter que voltar a passar por viver uma realidade de doença oncológica perto do meu dia-a-dia, e por todos os dias estar a ouvir falar em morte de modo a mentalizarem-me, por ter um menor e não saber como vou agir depois de tudo acontecer.

Sentia-me insegura quando pensava em ir para o terreno e eventualmente conhecer uma criança nesta situação, daí acreditar que esta pesquisa é muito mais pessoal do que académica. Este contributo partiu de todas as vivências e também dos meus medos. Várias vezes questioneei os docentes de modo a tentar compreender se poderia falar sobre este tema, se poderia "fugir" às práticas e felizmente estamos aqui, no patamar de investigação no tema que sempre desejei trabalhar. As minhas expectativas são realmente altas no que toca a receber conhecimento.

Acredito que melhor do que saber, é conhecer.

Capítulo II – Identificação do problema/ Fundamentação Teórica

1. A Educação na Morte

Tal como já foi referido anteriormente, a vontade em querer conhecer para além daquilo que já, intuitivamente sabemos pelo decorrer das nossas vidas, tornou-se mais forte, e desta forma o tema A Educação na Morte, surge essencialmente das vivências, principalmente das pessoais. Senti que faltava conteúdo que nos levasse a nós, futuras/os educadoras/es de infância e professoras/es a saber como deveríamos lidar com uma criança que tenha pedido um dos progenitores. Este sentimento acompanhou-se no decorrer do meu percurso académico. Para mim, este era o tema, não consegui pensar noutro que me fizesse tanto sentido debruçar. Sempre fui muito curiosa sobre a morte, sempre gostei de ver tudo o que a ela era inerente, saber e questionar sobre as coisas que desconhecia, e desta forma faltava-me saber como, quando e o que é que era suposto fazer. A relevância desta pesquisa parte também da escassez de bibliografia específica da temática apresentada.

A morte, um tema de respeito, um assunto delicado, e algo que é sempre uma incógnita. Incógnita no sentido de que nunca sabemos como é que aquela criança vai reagir. Não é porque uma reagiu de uma certa forma que todas irão reagir assim.

Mediante todas as minhas questões, todas as minhas vontades, e como estudante do Mestrado surgiu esta oportunidade de investigar sobre esta temática de uma forma mais crescida, mais profunda. Com este estudo pretendo saber como agir mediante uma criança que tenha perdido um dos progenitores, o que fazer e o que não fazer quando a criança está de luto. Em qualquer idade a perda de alguém que amamos é um processo lento, doloroso. É principalmente difícil para as crianças, pois as mesmas aprendem muitas vezes por vivências, por terem vivenciado isto ou aquilo e desta forma muitas delas, por serem tão novas ainda não vivenciaram a morte assim, não sabem como reagir à perda e posteriormente, supera-la.

"A maneira como a criança enfrenta a morte, varia de criança para criança. A duração e a intensidade dos sentimentos dependem, tanto da sua personalidade, como do vínculo afetivo existente." (Louzette & Gatti, 2007) Por o adulto ter consciência de que a criança não está emocionalmente preparada para falar sobre a sua perda, a maior parte dos adultos não sabem como devem comportar-se quando lhes é apresentada uma situação deste tipo, acabando por se denunciarem através da ansiedade que apresentam quando tentam ter um diálogo sobre a morte com a criança. E através dessa ansiedade, a criança acaba por entender que é um tema difícil de lidar também para o adulto. Um dos maiores medos do adulto é a perspicácia das crianças, a sua vontade de saber, de conhecer é interminável e como tal, o não saber qual será a próxima questão causa medo no adulto.

Por experiência própria, achamos sempre que o adulto sabe tudo e que tenha sempre tudo sob controle e quando isso não acontece o adulto tende a desviar o assunto finalizando a conversa de forma rápida.

Kovács (2002, p. 49), alerta para que: "Ao não falar, o adulto crê estar a proteger a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança sente-se confusa e desamparada sem ter com quem conversar."

2. Perda, a origem do luto

A morte e o luto são acontecimentos que são transversais a todos e quaisquer seres, pois todos nós ao longo das nossas vidas passamos por mortes e consequentemente o luto. Ao longo da sua vida o ser atravessa vários acontecimentos desta ordem. O ser humano tende a evitar o tema "morte", acabando por torná-lo um tema tabu, achando que desta forma poderá aliviar ou até mesmo evitar a dor e o sofrimento que está inerente ao tema. A fuga a esse assunto revela o desencadear constante de mecanismos de defesa ou negação lidando com a morte "(...) através do silêncio, com a idealização de que não falar do assunto poderá evitar ou aliviar a dor e o sofrimento." Carvalho, M.A.S. (2013). Luto na infância pela morte do progenitor. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Superior Miguel Torga.

O rompimento de um vínculo por morte exige uma reorganização emocional por parte da criança e da família, explica Bowlby (2006). Após a perda, entra o início do processo de luto, aqui, segundo Freud, Pinheiro, Quintella e Verztman (2010), o luto é evocado pelo sujeito de modo a fazer com que a dor não permaneça eternamente. Então, o luto tem a função de auxiliar o sujeito a assimilar a perda, promovendo a separação do objeto perdido, de forma progressiva.

O processo de luto envolve fases complexas durante as quais, o sujeito desvincula-se parcialmente da pessoa perdida, "mata o morto", sem que o apague da sua memória, explica Berger (2003).

O luto é a resposta mais frequente depois da perda. A ele pertencem várias reações, sendo elas, psíquicas, consciente e inconsciente. Estas respostas permitem a rutura do vínculo afetivo com o sujeito que morreu.

Anton e Favero (2011), e Combinato e Queiroz (2006), afirmam que o processo de luto encontra-se dividido em fases, esta divisão está relacionada com a intensidade e a duração, isto é, tudo o que é inerente ao sujeito, as suas vivências, o seu psicológico, o meio, tudo isto são fatores que vão definir como é que vai ser vivenciado e gerido o processo e as suas fases. Segundo os autores anteriores o luto apresenta-se dividido em quatro fases, sendo elas:

- Primeira fase: Dormência/ adormecimento ou atordoamento;

- Segunda fase: Saudade e busca da figura perdida;
- Terceira fase: Desorganização e desespero;
- Quarta fase: Organização.

A fase da dormência/ adormecimento ou atordoamento é caracterizada por ser uma fase de curta duração, podendo ter um tempo mínimo de horas e máximo de semanas e é acompanhada de desespero, raiva e de dúvidas se poderia haver algo mais a fazer de modo a evitar o desfecho.

Já a segunda fase é uma fase que pode durar meses ou anos, a mesma caracteriza-se pela busca intensiva do ente querido. Existe a crença que podemos recuperar a pessoa que partiu e quando o sujeito realmente compreende que o seu ente querido não vai mesmo voltar gera-se raiva.

A desorganização e desespero, na terceira fase do luto é onde existe a constatação definitiva da perda, deste modo, é consequente o choro, a raiva e as acusações às pessoas mais próximas, e por resultado desta constatação definitiva o sujeito pode entrar numa tristeza profunda com sentimentos de que mais nada na sua vida importa.

Por fim, a quarta fase, a organização, nesta fase o sujeito aceita a perda e concorda que existe uma vida para ser vivida, algo novo para ser iniciado.

O luto pode ser considerado uma emoção que “não dá muito nas vistas”, mas que se não for bem vivenciada pode tornar-se em algo mais do que um conjunto de emoções, pode tornar-se em algo que mudará o sujeito para o resto da sua vida, pode ser algo que leva a um transtorno do psicológico.

3. A morte e a criança

A forma como a criança reage à morte está ligada diretamente à sua idade, ao seu estágio de desenvolvimento cognitivo e psicossocial, à sua personalidade, à cultura em que está inserido e ainda a relação que tinha com o sujeito que morreu. Machado (2006), afirma ainda que todos estes fatores estão intimamente ligados à forma como a criança concebe a morte.

Para Vendruscolo (2005) e Speece e Brent (1984, in Rezende, 2007), a criança tem de tomar consciência que o ente querido que morreu, não voltará, ou seja, irá ganhar noções de irreversibilidade. A irreversibilidade está ligada ao fator permanente e não reversível da morte.

A criança utiliza várias formas não verbais para expressar como se sente em relação à morte. Estas formas podem apresentar-se através de jogos, mímicas, desenhos.

Para a criança, muitas vezes o desconhecido torna-se um fator dos maiores medos das crianças, e é nesta fase que entra a família, que tem um papel fundamental na diminuição destes medos. É muitas vezes através da verdade, do apoio e do diálogo que estes medos acabam por se desvanecer.

É importante salientar que ao longo dos anos a criança vai alterando a sua conceção da morte. Segundo Bowlby (2006), até aos três anos, o bebé sente a perda como uma ausência temporária, não conseguindo distinguir o que é uma ausência temporária para uma ausência derivada à morte. Já dos três aos cinco anos, Maria Nagy (1959, in Lewis & Lippman, 2012), afirma que as crianças encaram a morte como uma partida em que o morto vai existir noutro lugar que não aquele onde a criança existe.

Machado (2006) diz que a criança quando entra em idade do pré-escolar, associa a morte a uma fase que lhes traz uma grande tristeza, porque esta é a emoção que observa e sente que o adulto tem, ainda não consegue compreender que esta perda é definitiva. Como não consegue compreender que a volta do seu ente querido é irreversível, a criança continua a fantasiar e a desejar voltar a estar com o falecido, tornando-se estas vontades não só um desejo inconsciente, mas sim uma possibilidade consciente (Franco & Mazorra, 2007).

A criança liga-se de forma muito forte à ideia do regresso do falecido pois, para Machado (2006), este acontecimento deve-se aos desenhos animados, que representam a ressuscitação e o retorno das personagens. Mas não só os desenhos animados acabam por influenciar de forma negativa o pensamento do retorno do falecido. Muitas vezes os parentes mais próximos, como por exemplo os pais, fazem com que a criança fantaseie algo que acaba por fazer com que as conversas anteriormente tidas sobre a morte não tenham a finalidade pretendida. Por exemplo, quando os pais, explicam à criança que a pessoa que morreu, foi “descansar” ou até mesmo que o falecido está a dormir ou que foi fazer uma viagem.

Favero e Anton (2011), afirmam que é de uma importância extrema explicar à criança que a pessoa morreu, dando-lhe exemplos reais que já tenham vivenciado juntos, por exemplo a morte de um animal de estimação. O omitir à criança, o não lhe contar a verdade “nua e crua” sobre os acontecimentos, pode gerar raiva e frustração contra o adulto que lhe mentiu, colocando assim em causa a relação de confiança entre o adulto e a criança.

Na etapa dos cinco aos nove anos, a criança já tem noção de que a morte é irreversível, colocando dúvidas e questões ao adulto sobre o destino que o falecido tomou.

Para os autores, Maria Nagy (1959, in Lewis & Lippman, 2012) e Machado (2006), na transição da infância para a adolescência, entre os nove e os doze anos, a criança consegue realmente compreender a morte como algo que é irreversível, universal e que acaba por acontecer na vida de todos os seres humanos, uns mais cedo do que outros, e de várias formas.

Em suma, a ideia que a criança apresenta da morte, muda, e a essa mudança estão associadas várias variáveis, tanto individuais como da sociedade e a maior questão que surge ao adulto na hora da perda é a de contar ou não contar à criança sobre o que se sucedeu.

4. Contar ou não contar?

Contar ou não contar sobre a perda? Esta é uma das questões mais frequentes na cabeça do adulto quando tem de enfrentar o diálogo com a criança sobre a perda de um ente querido.

O autor Gauderer (1987, citado por Favero & Anton 2011), defende que o facto de ocultar que a criança perdeu o seu ente querido, parte do pressuposto que a mesma, não tem capacidade de sentir, compreender a perda e que ainda a pode vir a traumatizar. Já para Aberastury e Bowlby (1984, 1993, citado por Favero & Anton, 2011), consideram que a dificuldade de lidar com a morte e o sofrimento derivado de uma perda é única e exclusivamente da esfera do adulto.

Ao contrário do que se costuma pensar, a criança detém a capacidade de compreender e assimilar a perda e consegue adaptar-se a esta nova realidade, sendo que, o facto de conversar, explicar e dizer a verdade à criança torna-se muito importante para que esta consiga realizar o seu luto de uma forma saudável.

Este diálogo tem associado variáveis que o adulto deverá ter em consideração, sendo elas, a capacidade que a criança detém de compreensão e ainda o estágio de desenvolvimento onde a mesma se encontra, pois as suas reações emocionais não são equivalentes às dos adultos (Lewis & Lippman, 2012; Kovács & Lima, 2011).

O diálogo sobre a morte é uma tarefa nada fácil, para mais quando a perda em causa é também uma perda dolorosa para o adulto. Segundo Lewis e Lippaman (2012), quando ocorre a perda o adulto deverá informar a criança sobre a perda da forma mais “leve” que conseguir. As conversas sobre a morte não devem ser apressadas e o ambiente onde as mesmas se dão deve ser um local confortável, familiar e seguro.

O adulto deverá pegar a criança ao colo quando a mesma é muito nova, para que lhe transmita segurança, não deverá mostrar a sua tristeza, mas a expressão dos sentimentos acaba por ser importante para que a criança compreenda que não está a vivenciar aquela dor sozinha. Não deverá ser dada à criança uma falsa coragem e por outro lado não deve ser partilhada a tristeza ao extremo, é difícil, mas, o adulto deve encontrar um equilíbrio saudável, de modo a que a criança compreenda que pode e deve partilhar os seus sentimentos. O adulto que compartilhou a notícia com a criança deve apresentar-se o mais disponível possível e não a deve deixar sozinha depois de lhe dar a notícia.

A falta de informação sobre a perda, faz com que a criança alimente a sua imaginação e desta forma irá criar uma imagem distorcida da morte, afirma Torres (1996, citado por Kovács & Lima, 2011). É compreensível e pode até mesmo ser desesperante para o adulto as questões que a criança coloca sobre a morte. Tendo em conta a maturidade, o vocabulário da criança, o adulto pode pegar nestes fatores e a partir deles reformular as questões.

O facto de deixar ser a criança a estabelecer o ritmo do diálogo que detém com o adulto sobre a perda, é a melhor forma de abordar a temática, pois respeita o espaço e o tempo da criança, (Kovács e Lima, 2011). O adulto pode ainda utilizar elementos facilitadores da comunicação com a criança como a literatura infantil ou os desenhos animados e filmes.

5. Da perda à escola

Em qualquer idade a perda é sempre algo difícil de superar, mas é principalmente difícil quando se é criança e ainda não se tem os recursos suficientes para superar o momento da perda (Louzette & Gatti, 2007).

Existem crianças que parecem imperturbadas, sem querer falar, indiferentes à morte do/a progenitor/ra. Conseguem brincar na rua com os amigos, assistem aos seus programas favoritos de forma normal ou continuam com as atividades que seriam normais no seu dia-a-dia, agindo assim como se nada se tivesse passado.

Mesmo que a criança tenha estas atitudes, isso não significa que não haja sentimento, que não sintam falta da pessoa que faleceu e que nem sequer chorem o desaparecimento (Louzette & Gatti, 2007). O facto da criança demonstrar-se desta forma com estas atitudes, as mesmas não permitem prever reações que poderão ter no futuro, pois podem ser totalmente diferentes.

Louzette & Gatti, 2007, referem ainda que o facto de a criança, não falar da dor, não significa que não a tenha, que não a sinta. Muitas vezes sofrem em silêncio, não conseguindo lidar de forma saudável com a perda.

Cada pessoa é uma pessoa e cada um leva o tempo que achar necessário para elaborar a realidade da perda. E é neste período que a criança é colocada à prova, pois irá vivenciar o seu dia-a-dia com a falta de alguém que estaria presente, irá passar pela primeira vez pelas datas festivas mais importantes, como o aniversário, o aniversário da morte, o Natal, o Dia do Pai/ Dia da Mãe (Lewis & Lippman, 2012; Louzette & Gatti, 2007). Para Kóvacs (2008), o valor simbólico destas datas poderá fazer a criança passar por um misto de sentimentos (ansiedade, tristeza, ideias pessimistas, sonhos, etc).

A autora Melanie Klein (1991), afirma que pelo facto, da criança não conseguir expressar verbalmente, nomear, nem classificar os seus sentimentos, exprime-os através de brincadeiras

e assim consegue aliviar as suas angústias, transformando as brincadeiras em algo fundamental para o seu desenvolvimento.

A maior consequência da perda pode ser traduzida no rendimento escolar da criança. Segundo Lewis e Lippman (2012), a incapacidade de ultrapassar a perda de um dos progenitores é muito notória no contexto escolar. A sua atenção e concentração fica durante muitos anos afetada, pois os seus pensamentos e as associações dificultam a atenção na sala de aula, e por consequência afeta as notas.

Existem crianças que não gostam, não sabem ou não conseguem falar das suas emoções, como já foi referido anteriormente, e desta forma preferem escrevê-las. Adotam assim a escrita como estratégia para lidar com a perda e com o sofrimento que está inerente à morte.

A abordagem da temática vai depender da forma como o professor está ligado ao tema, do entendimento que o mesmo tem sobre como é feito o processo do luto e muitas vezes até mesmo as suas experiências pessoais vão entrar como auxílio que poderá dar à criança. A morte irá atingir todos os que estão ao redor da criança desde o funcionário ao professor (Mazorra & Tinoco, 2005).

É normal que quando uma das crianças passa pela perda, todos os outros se juntem, pois estes acabam por se identificar com o que acabou de acontecer com a criança e ganham uma empatia pela mesma.

O professor deverá entender o que está a acontecer com a sua turma, com a criança que está a vivenciar o luto pois, estas informações são ferramentas essenciais para que consiga lidar com a dinâmica da turma (Mazorra & Tinoco, 2005). Mas não só o professor tem que ser um elemento que se apresenta atento, mas sim, a escola como um todo, de modo a não ignorar o aluno que está em luto. Fingir que nada aconteceu também não é algo que se deva fazer (Kovács, 2002).

A criança deverá sentir que existe um canal de comunicação que está sempre aberto. Esta comunicação deverá respeitar as várias manifestações que a criança irá ter sobre a morte.

Mazorra e Tinoco (2005), consideram que a atuação preventiva durante o momento da morte e mesmo após a morte é algo muito valioso e que irá facilitar o processo de luto. Esta atuação irá fazer com que o luto não se torne o centro da vida da criança, mas sim irá facultar-lhe ferramentas para que interprete o acontecimento de forma saudável.

O professor, pode abordar a morte durante a sua prática no seu dia-a-dia, considerando que também é e faz parte da sua realidade, tendo em atenção a forma como aborda o tema, de acordo com o grupo que tem. É fundamental que o professor procure conhecimentos que estão relacionados com uma educação para a morte, de modo a que desconstrua este tema na sala de aula, deixando assim de ser tabu (Melo, 2007).

O luto no processo de ensino-aprendizagem, justifica assim a verdadeira importância da sensibilização das instituições de ensino para a questão da morte como uma realidade de vida (Domingos & Maluf, 2003).

Em suma, “Educar significa aprender, tomar conhecimento, e, sobretudo, tomar consciência da realidade da vida. Educar é refletir o porquê de tantos problemas e dificuldades em que os seres humanos se envolvem a cada instante sem saber as suas causas e origens.” (Gonzaga de Souza, 2006)

Capítulo III – Metodologia

De modo a dar resposta ao objetivo traçado, a metodologia utilizada será investigação qualitativa. Esta, segundo Bogdan & Biklen (1994) apresenta cinco características:

1. Os dados são recolhidos de forma direta e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados;
2. Os dados são de carácter descritivo;
3. O investigador interessasse mais pelo processo do que pelos resultados;
4. A análise dos dados é feita de forma indutiva;
5. O investigador tenta compreender qual o significado que os participantes dão às suas experiências.

O investigador apresenta um comportamento mais parecido ao de um viajante que não planeia, do que com aquele que o faz rigorosamente, ou seja, o investigador deixa a investigação desenrolar-se naturalmente.

Este tipo de investigação assume um carácter particular, isto é, assenta sobre uma situação específica, fazendo enaltecer o que é essencial e característico. O presente estudo recorre a técnicas e a uma metodologia de tipo qualitativo. Sendo a técnica utilizada foi a entrevista, e a mesma foi feita a duas educadoras do pré-escolar e duas professoras do 1º ciclo.

1. Caracterização dos Entrevistados

O primeiro passo para a realização deste estudo foi definir a que valência iria implementar a entrevista, tendo decidido que seria mais pertinente a realização a ambas as valências (Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico), pois para além do Mestrado ter incluídas as duas valências, conseguiria também obter um maior número de informação para poder atuar mediante uma situação de perda na prática profissional.

No presente estudo participaram quatro profissionais, sendo eles, dois educadores de infância e dois professores do 1º Ciclo, todos do sexo feminino. Estes foram contactados por intermédio de uma orientadora cooperante da PES I.

Os entrevistados foram designados como AD, AD, CO, JT, de modo a manter o anonimato e abaixo apresentam-se as informações mais relevantes acerca destes.

- A educadora de infância AD, de nacionalidade Portuguesa, trabalha numa IPSS há 30 anos e exerce o cargo de educadora de infância numa sala de pré-escolar, esta IPSS

pertence à rede solidária Para efeitos de ingresso das crianças no 1º Ciclo pertence ao Agrupamento de escolas Dr. António Augusto Louro;

- A professora de 1º Ciclo AD, de nacionalidade Portuguesa, trabalha numa instituição de ensino público, esta pertence ao Agrupamento de Escolas Judite Fialho, exerce lá há 11 anos e exerce o cargo de professora do 1ºCiclo e professora titular.
- A educadora de infância CO, de nacionalidade Portuguesa, trabalha numa IPSS há 26 anos e exerce o cargo de educadora de infância numa sala de pré-escolar, esta IPSS pertence à rede solidária Para efeitos de ingresso das crianças no 1º Ciclo pertence ao Agrupamento de escolas Dr. António Augusto Louro;
- A professora do 1º Ciclo JT, de nacionalidade Portuguesa, trabalha na instituição de ensino público há 30 anos e exerce o cargo de professora de apoio educativo, esta escola pertence ao Agrupamento de Escolas Daniel Sampaio.

2. Técnica de Recolha de dados

A técnica de recolha de dados utilizada foi: entrevista semi-estruturada, pois esta é a técnica mais adequada para o fim pretendido. Através desta obtemos mais informação derivado ao facto de ser composta por questões abertas, dando a oportunidade aos entrevistados de poderem responder às questões e contribuírem também com a sua opinião.

Estas entrevistas estão divididas em duas versões, que correspondem a duas valências, Pré-escolar e esta é composta por 39 perguntas e 1º Ciclo do Ensino Básico sendo composta por 36 perguntas e ambas possuem cinco objetivos, sendo estes os seguintes:

1. Caracterização do entrevistado;
2. Conhecer a perda da criança;
3. Compreender a criança, nomeadamente os seus comportamentos após a perda;
4. Conhecer a gestão a nível de sala de aula de um 1ºCiclo/ Pré-escolar com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores;
5. Compreender o docente em relação à criança e à temática apresentada.

Esta foi aplicada a quatro sujeitos, sendo dois deles da valência de Pré-escolar e os restantes dois da valência de 1º Ciclo do Ensino Básico (ver os guiões das entrevistas em apêndice A e B).

Há ocasiões em que os investigadores entram no campo com um guião. Mantendo fidelidade à tradição qualitativa de tentar captar o discurso (Bogdan & Biklen, 1994). Podemos ainda afirmar que a entrevista baseia-se numa conversa geralmente com dois intervenientes com o objetivo de conseguir informações sobre o entrevistado.

“A entrevista é utilizada para recolher dados na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994).

3. Procedimentos

Após terem sido elaboradas as entrevistas, efetuaram-se os contactos aos entrevistados, que foram fornecidos por uma educadora orientadora cooperante na PES I e posteriormente, estes foram contactados via telefónica de modo a perceber se estes estariam interessados em participar nesta investigação.

Numa segunda fase foram agendadas as entrevistas. Derivado à atual situação de pandemia mundial de SARS-COV-2, (maioritariamente reconhecido como COVID-19 ou novo coronavírus) e de forma a serem cumpridas as recomendações do Governo e da Direção Geral de Saúde as entrevistas foram realizadas online, com o auxílio das aplicações Skype e Zoom.

Toda as entrevistas realizadas foram gravadas mediante autorização dos entrevistados, para tal, foi enviada uma Declaração de Consentimento Informado (ver apêndice C), via email a cada um dos entrevistados e esta, foi devolvida devidamente preenchida e assinada (ver declaração no apêndice C). Cada entrevista teve uma duração média de 40 minutos.

Posteriormente, estas foram originalmente transcritas para um documento Word, de modo a poder ser efetuada a análise de dados. Estas apresentam-se nos apêndices D, E, F e G.

As transcrições foram enviadas via email para todos os entrevistados de modo a estes poderem validar as respostas.

Capítulo IV – Análise e Apresentação de Dados

Após a análise das entrevistas e de toda a informação recolhida nas mesmas sintetizou-se num quadro (ver em apêndice H). A partir da análise do referido quadro foram organizadas categorias de modo a sistematizar a informação. Estas categorias tem como função sistematizar as respostas dos entrevistados permitindo assim uma melhor análise das respostas. Optou-se por apresentar os resultados das entrevistas partindo da análise dos objetivos definidos para as mesmas.

Atendendo ao facto de que o Objetivo 1 da entrevista se destinava à caracterização dos entrevistados passamos a analisar o objetivo número 2 que nos permite conhecer de que forma é que ocorreu a perda da criança.

Ao analisarmos as questões associadas ao objetivo 2 – conhecer a perda da criança consideramos que:

- **O progenitor vivo da criança deverá ser uma presença ativa na vida da mesma.**

Posso concluir que a maioria dos progenitores vivos da criança continuou a ser ou tornou-se uma presença ativa na vida da criança e que compartilham as emoções e as vivências da mesma, como se pode confirmar através das citações: “Era presente, era uma família de cinco pessoas, tinha dois irmãos sendo que ela era a do meio, tinha uma irmã mais velha e um irmão mais novo. Viviam os cinco, portanto em família.” (ver apêndice D) “A mãe sim era muito presente, continua a ser muito ativa.” (ver apêndice E).

É ainda importante ressaltar que os progenitores vivos da criança devem ser pessoas que acompanham a sua vivência, quer escolar quer fora da mesma. Para Seckauer (1987), o adulto deve ser a base das reações emocionais, pois a criança não tem capacidade para separar as relações afetivas que tinha com o progenitor, da nova realidade após a perda.

Ainda segundo os autores Pedro-Carroll (2005) e Masten (1997), as famílias devem-se reger-se pela coesão da família, pelo afeto, motivação, autoconfiança que depositam na criança, devem ainda atribuir um grande valor aos relacionamentos familiares e à participação ativa dos pais na vida educacional da criança.

Sendo que, a família, nomeadamente, o progenitor vivo da criança deve ser uma pessoa ativa, esta deve ser favorecida por várias qualidades que façam com que a criança consiga ultrapassar de forma positiva a perda de um pilar tão importante na sua vida como o papel de um pai ou de uma mãe.

- **Comunicação à criança sobre a perda**

Considero a comunicação da perda à criança um dos fatores cruciais para que a mesma consiga de forma bem sucedida seguir a sua vida, para que consiga fazer um luto tranquilo e sem que se sinta perdido. É importante frisar que a comunicação é algo que deve ser feito com algum cuidado, com carinho pois será esse o primeiro impacto que a criança levará para a vida. Segundo Lewis e Lippaman (2012), quando ocorre a perda o adulto deverá informar a criança sobre a perda da forma mais “leve” que conseguir. Uma das entrevistadas afirma que a comunicação da perda foi feita fora do seu ambiente familiar e que foi uma madrinha que fez essa mesma comunicação, como podemos comprovar através da seguinte citação: “Eu acho que não foi a mãe, acho que foi um familiar, a madrinha.” (ver apêndice D). Segundo os autores Lewis e Lippaman (2012), as conversas sobre a morte não devem ser apressadas e o ambiente onde as mesmas se dão deve ser um local confortável, familiar e seguro. Em outros dois casos foi a criança que conseguiu perceber-se que o seu progenitor não estaria bem e que o mesmo não regressaria, como podemos confirmar através das citações das entrevistadas: “A criança estava com o pai quando o pai foi hospitalizado. A criança assistiu á convulsão do pai e percebeu o que estava a acontecer naquela altura. O pai esteve internado no hospital uns dias e ele acompanhou sempre.” (ver apêndice E) e “O aluno foi-se apercebendo pois foi um processo lento, pois foi doença oncológica.” (ver apêndice G).

Considero que o colo é muito importante para a criança na altura de contar sobre a perda, pois irá transmitir-lhe segurança, confiança e o não deixar a criança sozinha após saber a notícia é de extrema importância. O adulto deverá pegar a criança ao colo quando a mesma é muito nova, para que lhe transmita segurança, não deverá mostrar a sua tristeza, mas a expressão dos sentimentos acaba por ser importante para que a criança compreenda que não está a vivenciar aquela dor sozinha. (Lewis e Lippaman, 2012)

➤ **Relato ativo sobre a perda da criança, por parte da mesma**

Relativamente ao relato sobre o que se tinha passado na sua vida, os entrevistados referem que a criança falava sobre a perda quando tinha a certeza do que estava a falar, isto é a criança, a maior parte, das vezes só falava da perda quando a conhecia a 100%, ou seja, quando o progenitor sobrevivente lhe contava os pormenores do sucedido, “Ela não falava muito. Não contava como ele morreu pois não lhe deram pormenores” (ver apêndice D). “Meteram sempre a criança ao corrente do que se estava a passar com o pai” (ver apêndice E). Constata-se assim que a criança reage à perda de um progenitor quando tem toda a informação necessária organizada e compreendida sobre o que sucedeu.

É ainda importante frisar que o adulto deverá ter uma conversa franca com a criança, transmitir-lhe serenidade. Segundo Lewis e Lippaman (2012), quando ocorre a perda o adulto deverá informar a criança sobre a perda da forma mais “leve” que conseguir. A National Association of School Psychologists (2003), afirma que é melhor deixar que a criança fale do que fazer um diagnóstico sobre o que ela poderá estar a sentir ou a pensar.

Relativamente ao Objetivo 3 – Compreender a criança, nomeadamente os seus comportamentos após a perda conseguimos nomear algumas categorias:

➤ **A compreensão da perda de forma definitiva por parte da criança e a adaptação à perda**

A criança tende, numa primeira fase, a considerar que a perda não é definitiva, que o seu ente querido irá posteriormente regressar, e o que é facto é que a maioria dos entrevistados afirma que a criança numa primeira fase não está ciente que a perda é definitiva, uns afirmam que só após voltar às suas rotinas é que conseguiu compreender que o seu progenitor não iria regressar. “Eu acho que ela embora não tenha compreendido logo que com o passar do tempo foi-se apercebendo. No dia-a-dia é que ela foi entendendo que o pai nunca mais voltava.” (ver apêndice E).

Já outros entrevistados consideram que a criança acredita que o seu progenitor está sempre presente embora não fisicamente, mas a criança no fundo, sabe perfeitamente que esta partida é irreversível “Sim, sabia que fisicamente não estaria mais presente, mas acreditava que o pai estava sempre com ele.” (ver apêndice E) É ainda pertinente frisar que houve entrevistados a afirmar que, a criança tinha compreendido que o seu progenitor não regressaria pois houve uma conversa franca entre ela e a sua progenitora sobrevivente “Ela sabia que era definitiva, com tudo aquilo que lhe foram dizendo e explicando ela percebeu que era definitiva.” (ver apêndice F).

Para Vendruscolo (2005) e Speece e Brent (1984), a criança tem de tomar consciência que o ente querido que morreu, não voltará, ou seja, irá ganhar noções de irreversibilidade. Esta está ligada ao fator permanente e não reversível da morte.

No que toca à adaptação à perda a criança tente a procurar mecanismos que a façam sentir bem. Alguns dos entrevistados afirmam que a criança refugiou-se numa das áreas que considera fazer melhor e que melhor se sente a realizar “Tinha muita necessidade de desenhar o pai, talvez também porque ela desenhava muito bem e era uma atividade que gostava de fazer, e foi a forma que ela encontro para resolver esta situação, ainda para mais de uma forma repentina. Usou o desenho que era uma atividade que ela tinha uma facilidade até mais do que o diálogo com os adultos ou com os seus pares, acho que foi mais fácil para ela.” (ver apêndice D).

Uma das entrevistadas afirma que a criança utilizou a fala de forma a manter o pai presente. Esta foi a forma como a criança se adaptou à perda “Eu acho que ela aceitou bem, continuou a falar do pai.” (ver apêndice F). Já as restantes entrevistadas apenas destacam o facto da criança ter-se adaptado bem “Adaptou-se muito bem, aceitou bastante bem a situação.” (ver apêndice E).

➤ **Procura do adulto por parte da criança após a perda e o regresso à sua vida escolar**

Podemos concluir após a análise das entrevistas que a criança acaba por procurar muito o adulto quando retorna à sua vida escolar, pois a mesma entende que o adulto conseguia compreendê-la de melhor forma, como se pode comprovar na frase do entrevistado (ver apêndice D): “Mas eu acho que ela estava muito triste, procurava muito o adulto. Ela talvez entendesse que o adulto compreendia melhor a situação que ela estava a passar, porque para os outros meninos dificilmente se conseguem colocar numa posição destas, mesmo que ela tenha falado, eles nunca viveram é tudo muito baseado naquilo que eles vivem, naquilo que viveram e viram” e “Nas vivências e nas nossas atividades ela correspondia, brincava e fazia, depois da perda estava mais carente, procurava mais o adulto, eu acho que ela estava muito triste.” (ver apêndice D).

Posso ainda concluir que, apesar de o adulto se sentir constrangido pela situação em si, deixou que a criança o procurasse e através de meios emocionais, como por exemplo, abraços, mimo, beijos, e da sua própria experiência pessoal acabou por cativar a criança tornando-se para ela um “ombro” onde poderia desabafar como se pode confirmar através da frase do entrevistado (ver apêndice E): “Não soube sempre como agir por mais que eu me tentasse precaver não soube sempre, levei o meu amor e o carinho até ele e deixei que fosse ele a fazer o resto. Apartir daí foi ele que sempre me procurou para falar”.

Desta forma é possível concluir que a maioria dos entrevistados concorda que a criança procura o adulto por fim a que este o auxilie no que toca às emoções e à partilha de informação, tende a ver o adulto como alguém capaz de compreender a sua situação, como alguém mais velho que já tem mais experiência de vida. Segundo Seckauer (1987), a criança vai precisar da ajuda do adulto para entender a morte, e mesmo assim não vai conseguir entender para lá daquilo que é a sua maturidade. O adulto vai ainda servir de pilar para as suas reações emocionais.

Para além do progenitor vivo a criança apoia-se de forma muito intensa no seu docente/educador por isso, o mesmo deve ser um bom observador, deve manter o contacto visual com a criança, deverá ter uma postura sensível e de compreensão. É importante que o docente deixe que seja a criança a procura-lo para falar, a mesma irá expressar os seus sentimentos e pensamentos como refere a National Association of School Psychologists (2003).

➤ **Relação escolar da criança com as restantes crianças**

É de forma unânime que os entrevistados afirmam que a criança fazia as atividades, que participava, mas que se apresentava triste, distante e isolada numa primeira fase, que procurava mais o adulto mas sem nunca deixar de brincar com os seus pares como se pode comprovar nas seguintes frases: “Ela procurava mais o adulto e interagir menos com os outros. Mas também brincava com os outros, se calhar não com a mesma alegria. Mas nunca deixou

de brincar com os amigos.” (ver apêndice D). “Relacionava-se bem, primeiro isolou-se um bocadinho mas depois voltou.” (ver apêndice F).

Ao analisarmos os dados retirados da entrevista relativos ao Objectivo 4 – Conhecer a gestão a nível de sala de aula de um 1º ciclo e do pré-escolar com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores, conseguimos identificar as seguintes categorias:

➤ **Cuidado que o docente tem na forma como se expressa com a criança (forma de falar e agir)**

A forma como falamos com as crianças por norma tende a ser de uma forma cuidada, com alguma adaptação da linguagem à idade. No que toca às ações que temos tendem também a ser mais suaves, cuidadas, isto numa situação normal. Quando se trata de uma criança que está a viver uma situação de perda estas ações e esta forma de falar têm de ser ainda mais cuidada. Segundo Melo (2007), o professor, pode abordar a morte durante a sua prática no seu dia-a-dia, considerando que também é e faz parte da sua realidade, tendo em atenção a forma como aborda o tema, de acordo com o grupo que tem.

Comprova-se nas seguintes situações que, a maior parte dos educadores/ professores do 1º Ciclo, concorda que quando receberam novamente nas suas salas as crianças que perderam um dos progenitores passaram a ter mais cuidado com a forma como se expressavam com eles e na presença deles, “Tenho de ter algum cuidado até mesmo quando estou a dirigir uma atividade. Tenho de pensar que aquela criança esta em sofrimento que tenho de ter consciência que as minhas ações e o que eu digo pode fazer com que ela se sinta mais triste.” (ver apêndice D). “Tenho cuidado pois eles são crianças e estão em sofrimento, pois não é fácil a perda de um pilar tão importante como um/a progenitor/ra.” (ver apêndice nº D).

Para a National Association of School Psychologists (2003), o adulto deverá responder num tom e numa intensidade que retrate o afeto que existe para com a criança. O adulto deverá ser paciente, uma pessoa disponível e não deverá esperar uma reação imediata.

➤ **Regresso à vida escolar da criança**

Sobre esta temática do regresso à escola após a perda, são-nos apresentadas várias opiniões e formas de o fazer. “Foi como se nada tivesse acontecido.” (ver apêndice D). “Foi muito emocionante eu tenho uma turma muito querida, já vêem alguns juntos do pré-escolar. Ele quando regressou foi muito mimado.” (ver apêndice E). “Ela teve uns dias em casa mas quando voltou fizemos um período de adaptação, procurava mais o adulto.” (ver apêndice F).

Este regresso e a confrontação com a morte é realizada muitas vezes mediante vários fatores que acabam por ser externos e que nada tem a ver com o docente, como por exemplo, a sua cultura, a sua família e a própria índole da criança, ou seja, as características individuais

de cada criança. Segundo Pacheco (2002), a forma como o indivíduo vive a morte irá variar de cultura para cultura, de família para família e de indivíduo para indivíduo.

➤ **Realização de atividades que integrassem o tema da morte**

Este ponto, na minha opinião, está intimamente ligado à formação académica de cada um, e da sua vontade de conhecer e procurar, pois, considero que ser professor/ educador é um trabalho de constante procura e aprendizagem, desta forma cabe a cada professor/ educador decidir de que forma deve, pode ou deseja introduzir o tema em contexto de sala de aula. Muitos dos entrevistados afirmam que na altura em que se deu a perda não realizaram atividades que fossem ao encontro da temática, “Na altura não tinha, tentei, mas por acaso não encontrei nada.” (ver apêndice D). “Na altura podia ter falado em grande grupo, se fosse hoje tinha pegado no tema e tinha falado com o grupo de uma forma suave.” (ver apêndice F).

Para Golman (2004), os jogos, os fantoches, as histórias podem ajudar as crianças a projetarem os sentimentos não resolvidos de uma forma mais aberta e lúdica. As técnicas de visualização ou imaginação guiada, ajudam a criança a criar imagens positivas, pensamentos saudáveis e reduzem a ansiedade.

➤ **Apoio especializado após a perda**

Acredito que o apoio após a perda é algo fundamental, pois por mais capacidades que a criança detenha para ultrapassar uma fase complicada como a perda de um progenitor. Apesar da ajuda da família é sempre uma mais valia quando acompanhado por um profissional especializado. Sobre este tópico as opiniões divergiram, uma entrevistada, afirma que a criança que passou pela perda necessitou de muito pouco apoio pois, a sua maturidade era muito relevante e como tal conseguiu superar a perda de forma fácil, como podemos verificar através da citação: “Teve apoio hospital da psicóloga, pouco tempo, mas não, é aluno do quadro de mérito e assim continuou.” (ver apêndice E), já outra entrevistada afirma que apesar de existir apoio do psicólogo na instituição a criança não teve apoio, já as restantes duas entrevistadas afirmam que as crianças tiveram apoio do psicólogo. “Esta ajuda pode vir de muitas fontes, incluindo: amigos e família, médicos de família ou outros profissionais de saúde, serviços comunitários de saúde, grupos de apoio, linhas de atendimento telefónico.” Serviço Nacional de Saúde. (Saúde, 2008)

Referente ao Objetivo 5 - Compreender o docente em relação à criança e à temática apresentada é simples identificar as seguintes categorias:

➤ **Falta de preparação, formação e informação dos docentes sobre a temática**

Quando juntamos as ideias de morte e de educação pensamos realmente em opostos que não condizem. Mas de facto é por juntarmos, infelizmente, estas duas realidades que entra a

formação e a informação. Será que os docentes são realmente preparados para a temática da morte no seu percurso académico? A maior parte dos entrevistados concorda que de facto não existe preparação para os futuros docentes no que toca à temática da morte. Muitos deles acrescentam ainda que, muitas das vezes agem de acordo com as vivências pessoais que tiveram, que agiram com o coração como se de algo pessoal se tratasse, como se pode comprovar nas seguintes citações: “Não é muito, não é dada importância nenhuma. É pouco falada, foi-nos dada pouca informação sobre isso. Em termos da minha formação nunca tive este tema aprofundado.” (ver apêndice D). “Eu acho que ficamos sempre constrangidos com uma situação destas, mas acho que não somos muito bem preparados para isso. Ficamos sempre perdidos.” (ver apêndice F).

Em suma, para uma grande maioria das entrevistadas a perda da criança é algo que as mesmas acabam por superar sem que existam grandes alterações, uns pela presença ativa do progenitor sobrevivente, outros por se focarem uma área que são especialmente bons e outros por a sua maturidade ser algo já bastante desenvolvido. Creio que, se a criança tiver uma boa estrutura familiar e escolar, que a apoie, encaminhe, acompanhe e auxilie nas várias fases da sua vida, acaba por ultrapassar, sem nunca esquecer, a sua perda, tornando-a algo que é uma realidade na sua vida mas sem que se torne algo prejudicial para a mesma.

É ainda importante ressaltar que existe uma imensa falta de informação sobre a temática e que os indivíduos têm uma grande dificuldade em abordar o tema e por sua vez torna-se um tema tabu nas nossas salas por falta de preparação dos educadores e professores.

➤ **Forma como a docente agiu perante a situação**

Muitas das crianças que conhecemos através das entrevistadas, são crianças que após a perda se tornaram crianças mais caladas, introspetivas e que brincavam de forma discreta, que parecem imperturbadas, sem querer falar, indiferentes à morte do/a progenitor/ra.

A forma como se vai abordar o tema, vai depender da forma como o professor está ligado ao tema, do entendimento que o mesmo tem sobre como é feito o processo do luto e muitas vezes até mesmo as suas experiências pessoais vão entrar como auxílio que poderá dar à criança. A maioria das entrevistadas afirma que não soube como agir perante esta situação como podemos comprovar nas seguintes citações: “Tive muitas dúvidas, se estaria a fazer bem, se estaria a ajuda-la, porque lá está, não me sentia confortável com este assunto, tive muitas dúvidas.” (ver apêndice D), “Não soube sempre como agir, tirou-me horas de sono. Já tinha alguma experiência mas não soube sempre como agir.” (ver apêndice G).

Capítulo V – Implicação do estudo para a prática profissional

A presente investigação, teve uma grande importância para mim, a nível pessoal e a nível de profissional, irá ajudar-me certamente na minha futura prática pedagógica, pois consegui compreender através de relatos de vários docentes nas valências de pré-escolar e 1ºciclo e de pesquisas, como agir perante uma criança que perdeu um dos seus progenitores, tema que me propus investigar.

Tendo a maior certeza de que cada vez mais os progenitores, cuidadores, responsáveis pelas nossas crianças se apoiam nas escolas e em tudo o que as mesmas podem dar de ensinamentos aos mais novos, acredito cada vez mais que o professor/educador é uma pessoa que acaba por ser fulcral naquela que é a vivência das nossas crianças, então o mesmo deve ter ciente no seu pensamento que é necessário uma intervenção assertiva e ativa no contexto de perda de um progenitor.

Esta temática deverá ser refletida constantemente, pois apesar de considerar que as minhas constatações foram positivas e que as crianças aceitaram a perda, souberam lidar com a mesma e seguiram o seu percurso bem encaminhadas, não quer dizer que esta seja a realidade de tantas outras crianças.

Parece-me que é de uma importância extrema refletir sobre aqueles que são o “sangue novo” da educação, de forma a que os mesmos consigam dispor de uma maior aprendizagem ao nível académico, que este tema seja mais falado, que deixe de ser tabu e passe a fazer realmente parte das nossas vidas enquanto estudantes.

Enquanto futura profissional da área da educação, gostaria de possuir informações que me ajudassem a dar resposta às necessidades de crianças que tenham que ultrapassar a perda, pois, estas mesmas crianças deverão ser encaminhadas para que consigam desenvolver as várias capacidades, como o respeito, a harmonia, a vontade de vencer na sua vida, de ter um caminho cheio de vitórias, mesmo com a falta de um pilar fundamental ao seu desenvolvimento enquanto ser.

A investigação deu-me a possibilidade de compreender que o trabalho com estas crianças é um trabalho que deverá ser feito principalmente em equipa, pois numa fase inicial pensava que a educadora/ professora, teria de saber tudo para agir como se de um elemento único e isolado se trata-se. Vim a constatar que de facto, existem outros elementos que fazem parte e que são essenciais, podendo nomear alguns exemplos, como o progenitor vivo, psicólogos, as auxiliares de ação educativa. Todas estas pessoas acabam por ajudar a criança e não só, acabam por se apoiar uns aos outros de modo a que a criança consiga estabelecer alguma ligação que a fará seguir a sua vida, sem que a mesma se esqueça da perda.

Sabemos que os nossos pais são muitas vezes os nossos portos de abrigo, aqueles que nos defendem e apoiam em tudo mesmo quando estamos errados, então esta investigação levou-me mesmo a acreditar que, se todos colaborarem não existe nada que possa falhar, pois estamos unidos no que é realmente essencial.

Capítulo VI – Considerações Finais

O presente estudo vincula-se à forma como a Educação na Morte é vista nas valências do pré-escolar e do 1º ciclo. De modo a obter informações de como é vista e vivida a morte de um progenitor, foram recolhidos dados através de entrevistas, e após a realização das mesmas foram analisados de modo a obter respostas relevantes à investigação.

Uma das características da morte na nossa cultura é o silêncio a nossa sociedade não está preparada para ver os sinais de dor, de doença ou de morte, entrando assim em estado de rejeição. É imposto aos que sofrem uma perda de um progenitor que controlem a manifestação da sua dor, o que torna difícil o trabalhar do luto e que provoca, posteriormente, efeitos danosos nas crianças. Nas instituições de ensino a morte é vista como um tabu. É uma temática que para além de pouco agradável, os sujeitos não gostam de falar. Deste modo acaba por ser um assunto pouco tratado no contexto de sala de aula e até mesmo na formação dos docentes.

Os docentes que estão em contexto de sala de aula com uma criança que tenha perdido um dos progenitores, acabam por se basear, muitas das vezes nas suas vivências pessoais e no carinho que tem pelas crianças para as ajudarem a superar/ ultrapassar a sua perda.

Todos os envolventes na vida da criança, como por exemplo, os docentes, os psicólogos, os professores devem ajudar a criança a viver o luto de forma saudável, contando-lhe os pormenores que a criança quiser saber, ou que a mesma ache relevante para a sua vida, mesmo que ao senso comum pareça que a criança é demasiado frágil para entender a morte, deverá ser a mesma a verbalizar se quer ou não saber.

Estou consciente de que ainda existe uma grande dificuldade por parte de toda a sociedade, bem como, dos docentes em contexto escolar em abordar e acompanhar este tema pelo “peso” que o mesmo tem, mas também é notório face à investigação efetuada que existe um enorme esforço por parte dos profissionais de educação para acompanhar e auxiliar as crianças nesta fase do luto.

Após o termino do presente relatório final, posso concluir que a abordagem deste tema foi crucial para o meu desenvolvimento pessoal e sobretudo, profissional, pois através dos relatos e experiências pessoais das entrevistadas pude compreender mais profundamente este tema e analisar estratégias para lidar com o luto de uma criança aquando à perda de um dos progenitores. É notável a importância que esta temática teve para o meu futuro profissional pois quebrando o “tabu” e convesando sobre o tema, ouvindo experiências e analisando-as, sinto-me mais apta perante a realidade que poderei futuramente enfrentar

Referências Bibliograficas

- Berger, M. (2003). *A criança e o sofrimento da separação (2ª ed.)*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Biklen, B. (1994). *Investigação qualitativa em educação*.
- Bowlby, J. (2006). *Formação e rompimento dos laços afetivos (4ª ed.)*. Brasil: Martins Fontes.
- Brent, S., & Speece, M. (1984). *Children's understanding of death: A review of three components of death concept*.
- Carvalho, M. A. (2013). *Luto na infância pela morte do progenitor*.
- Favero, E., & Anton, M. C. (2011). *Morte repentina de genitor e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros*.
- Favero, E., & Anton, M. C. (2011). *Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão de literatura em periódicos científicos brasileiros*. Brasil.
- Gatti, A. L., & Louzette, F. L. (2007). *Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico*.
- Goldman, L. (2004). *Counseling with children in contemporary society*.
- Gonzaga de Souza, L. (2006). *Debate e discussões*.
- Kovács, M. J. (2002). *Morte e desenvolvimento humano (4ª ed.)*. São Paulo.
- Kovács, M. J. (2008). *Morte no process do desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante a morte (5ª ed.)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J., & Lima, V. R. (2011). *Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança*.
- Lippman, J. G., & Lewis, P. G. (2012). *A criança perante a morte dos pais (1ª ed.)*. Lisboa: Nova Vega.
- Machado, A. *Como lidam as crianças com a morte/ luto*.
- Maluf, M. R., & Domingos, B. (2003). *Experiência de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos*.
- Masten, A. S. (1997). *Resilience in children at risk*.

- Mazorra, L. (2001). *A criança e o luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor*.
- Mazorra, L., & Franco, M. H. (2007). *Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor*.
- Merrian. (1988). *Case study research in education: A qualitative approach*.
- National Association of School Psychologists. (2003).
- Pacheco, S. (2002). *Cuidar a pessoa em fase terminal: Perspectiva ética*. Loures: Lusociência.
- Pedro-Carroll, J. (2005). *Fostering Resilience in the Aftermath of Divorce: The role of Evidence-Based Programs for Children*.
- Queiroz, M. R., & Combinato, D. S. (2006). *Morte: uma visão psicossocial. Estudos de psicologia*.
- Rezende, C. (2007). *Luto na infância: algumas considerações à luz da teoria de Édipo em Lacan*.
- Saúde, S. N. (2008). "O meu luto".
- Sekaer, C. (1987). *Towards a definition of "childhood mourning"*.
- Souza, G. (2006). *Educação para a morte na escola*.
- Valle, E. R., & Melo, L. L. (2004). *A criança com câncer em iminência de morte*. São Paulo.
- Vendruscolo, J. (2005). *Visão da criança sobre a morte*.
- Vendruscolo, J. (2005). *Visão da criança sobre a morte*. São Paulo.
- Verztman, J., Quintella, R., & Pinheiro, M. (2010). *Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia*.
- Yamaura, L. P. (2016). *Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de investigação*.

Apêndices

Apêndice A

Apêndice A - Entrevista - Pré-escolar

No âmbito do tema escolhido para a realização da minha dissertação final de mestrado, optei por entrar em contacto com educadores/ras e professores/ras do 1º Ciclo do Ensino Básico com a finalidade de compreender como é feita a gestão a nível de sala com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores.

Este trabalho tem fins única e exclusivamente académicos, estando desta forma garantido o anonimato e confidencialidade desta entrevista.

Objectivo 1: Caracterização do entrevistado

1. Nome
2. Idade
3. Nacionalidade
4. Profissão exercida atualmente?
5. Quais são as suas habilitações literárias?
6. Em que ano terminou o seu curso?
7. Onde tirou o seu curso?
8. Voltou a estudar posteriormente?
9. Em que estabelecimento de ensino lecciona?
10. Esse estabelecimento de ensino pertence a algum agrupamento?
11. Se sim, qual?
12. Há quanto tempo se encontra nesse estabelecimento de ensino?
13. Quais são as funções que desempenha?
14. Esteve noutra estabelecimento de ensino?
15. Se sim, qual? Quanto tempo? Que funções desempenhava?

Objectivo 2: Conhecer a perda da criança

16. Qual dos progenitores a criança perdeu?
17. Qual a idade da criança quando perdeu o/a progenitor/a?
18. Pode falar-me sobre o/a progenitor/a vivo/a da criança? É uma pessoa presente na vida da mesma?
19. Sabe como foi comunicada à criança o falecimento do/a progenitor/a? Pode contar-me?
20. Conte-me como é que a criança relata o que aconteceu na sua vida.

Objectivo 3: Compreender a criança, nomeadamente os seus comportamentos após a perda

21. Como considera que a criança se adaptou à situação da perda?
22. Considera que a criança tem ciência no seu pensamento que esta perda é definitiva?
23. Existiram alterações do comportamento após o falecimento do/a progenitor/a? Quais?
24. Como é que esta criança se relaciona com os colegas?

25. Como é o comportamento da criança fora do meio escolar? Conhece?

Objectivo 4: Conhecer a gestão a nível de sala de aula de um Pré-escolar com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores

- 26. Em que ano lectivo ocorreu esta situação?
- 27. A perda deu-se antes ou depois de já estar inserido no grupo?
- 28. Se antes, como foi a sua inserção?
- 29. Se depois, como foi o regresso?
- 30. Esta criança dispunha de algum apoio?
- 31. Considera que o desenvolvimento emocional e cognitivo desta criança foi afetada devido à perda? A que níveis?
- 32. Tem algum cuidado especial, aos níveis da fala, das acções? Pode contar-me?
- 33. Existem atividades direcionadas à problemática da criança? Por exemplo: Leitura de histórias que vão ao encontro do tema
- 34. Existe conversas em grande grupo sobre a morte? O que é, como acontece, o que acontece depois da morte?
- 35. Houve alteração do rendimento da criança nas várias áreas? (Pintura, desenho, faz de conta, biblioteca, moldagem, etc.).

Objectivo 5: Compreender o docente em relação à criança e à temática apresentada

- 36. Conte-me o que acha sobre a importância que é dada a esta temática a nível académico e nos estabelecimentos de ensino?
- 37. Como se sentiu quando soube desta perda? Soube sempre como agir?
- 38. Conte-me como define o percurso que fez com aquela criança. Os pontos positivos e os negativos.
- 39. Olhando para o que já foi vivenciado mudaria algo? Se sim, o quê e porquê?

Apêndice B

Apêndice B - Entrevista - 1º Ciclo

No âmbito do tema escolhido para a realização da minha dissertação final de mestrado, optei por entrar em contacto com educadores/ras e professores/ras do 1º Ciclo do Ensino Básico com a finalidade de compreender como é feita a gestão a nível de sala com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores.

Este trabalho tem fins única e exclusivamente académicos, estando desta forma garantido o anonimato e confidencialidade desta entrevista.

Objectivo 1: Caracterização do entrevistado

16. Nome
17. Idade
18. Nacionalidade
19. Profissão exercida atualmente?
20. Quais são as suas habilitações literárias?
21. Em que ano terminou o seu curso?
22. Onde tirou o seu curso?
23. Voltou a estudar posteriormente?
24. Em que estabelecimento de ensino lecciona?
25. Esse estabelecimento de ensino pertence a algum agrupamento?
26. Se sim, qual?
27. Há quanto tempo se encontra nesse estabelecimento de ensino?
28. Quais são as funções que desempenha?
29. Esteve noutra estabelecimento de ensino?
30. Se sim, qual? Quanto tempo? Que funções desempenhava?

Objectivo 2: Conhecer a perda da criança

40. Qual dos progenitores a criança perdeu?
41. Qual a idade da criança quando perdeu o/a progenitor/a?
42. Pode falar-me sobre o/a progenitor/a vivo/a da criança? É uma pessoa presente na vida da mesma?
43. Sabe como foi comunicada à criança o falecimento do/a progenitor/a? Pode contar-me?
44. Conte-me como é que a criança relata o que aconteceu na sua vida.

Objectivo 3: Compreender a criança, nomeadamente os seus comportamentos após a perda

45. Como considera que a criança se adaptou à situação da perda?
46. Considera que a criança tem ciência no seu pensamento que esta perda é definitiva?
47. Existiram alterações do comportamento após o falecimento do/a progenitor/a? Quais?
48. Como é que esta criança se relaciona com os colegas de turma?

49. Como é o comportamento da criança fora do meio escolar? Conhece?

Objectivo 4: Conhecer a gestão a nível de sala de aula de um 1º ciclo com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores

50. Em que ano lectivo ocorreu esta situação?

51. A perda deu-se antes ou depois de já estar inserido na turma?

52. Se antes, como foi a sua inserção?

53. Se depois, como foi o regresso?

54. Esta criança dispunha de algum apoio?

55. Considera que o desenvolvimento emocional e cognitivo desta criança foi afetada devido à perda? A que níveis?

56. Tem algum cuidado especial, aos níveis da fala, das acções? Pode contar-me?

Objectivo 5: Compreender o docente em relação à criança e à temática apresentada

57. Conte-me o que acha sobre a importância que é dada a esta temática a nível académico e nos estabelecimentos de ensino?

58. Como se sentiu quando soube desta perda? Soube sempre como agir?

59. Conte-me como define o percurso que fez com aquela criança. Os pontos positivos e os negativos.

60. Olhando para o que já foi vivenciado mudaria algo? Se sim, o quê e porquê?

Apêndice C

Apêndice C - Declaração de Consentimento

Declaração de Consentimento Informado

O presente estudo é realizado no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, ministrado pela Instituto Piaget de Almada, tendo como autora a discente Inês Santos e com orientação da Professora Doutora Clementina Nogueira.

Intitulada “A Educação na Morte”, esta investigação, visa compreender como é realizada a gestão de sala de aula de 1º Ciclo e de Jardim de Infância com uma criança a quem lhe tenha falecido um dos progenitores.

Esta pesquisa tem como técnica de recolha de dados, realização de entrevista, utilizadas para fins única e exclusivamente académicos, sendo desta forma, garantido o anonimato e confidencialidade dos dados pessoais dos entrevistados.

Após ter sido devidamente informado de todos os procedimentos da presente investigação, eu _____, aceito voluntariamente participar no estudo.

Em caso afirmativo, tomei conhecimento e aceito a utilização das informações por mim fornecidas na entrevista, apenas com nome fictício, no presente relatório final.

Data: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Assinatura da autora da investigação: _____

Apêndice D

Apêndice D - Transcrição da entrevista - Pré-escolar

No âmbito do tema escolhido para a realização da minha dissertação final de mestrado, optei por entrar em contacto com educadores/ras e professores/ras do 1º Ciclo do Ensino Básico com a finalidade de compreender como é feita a gestão a nível de sala com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores.

Este trabalho tem fins única e exclusivamente académicos, estando desta forma garantido o anonimato e confidencialidade desta entrevista.

Objectivo 1: Caracterização do entrevistado

1. **Nome:** AD.
2. **Idade:** 55 anos
3. **Nacionalidade:** Portuguesa
4. **Profissão exercida atualmente?** Educadora de Infância
5. **Quais são as suas habilitações literárias?** Licenciatura antes de Bolonha
6. **Em que ano terminou o seu curso?** Formação Inicial 1989 e a Licenciatura em 2002
7. **Onde tirou o seu curso?** Formação Inicial no Instituto Jean Piaget e o Complemento para a licenciatura na Escola Superior de Setúbal.
8. **Voltou a estudar posteriormente?** Não, só fiz formações de curta e longa duração, mas a nível académico não.
9. **Em que estabelecimento de ensino lecciona?** No Centro Paroquial de Arrentela, no Jardim de Infância Pica Pau.
10. **Esse estabelecimento de ensino pertence a algum agrupamento?** Não. Pertence à rede solidária. Sendo que para efeitos de ingresso no 1º Ciclo é como se pertencesse à Augusto Louro.
11. **Se sim, qual?**
12. **Há quanto tempo se encontra nesse estabelecimento de ensino?** Desde 89, há 31 anos.
13. **Quais são as funções que desempenha?** Sou Educadora de Infância no Pré-escolar.
14. **Esteve noutra estabelecimento de ensino?** Não, estive foi noutra valência, estive em ATL e também fui coordenadora durante 3 anos. E estive 9 anos no ATL.
15. **Se sim, qual? Quanto tempo? Que funções desempenhava?**

Objectivo 2: Conhecer a perda da criança

16. **Qual dos progenitores a criança perdeu?** O pai.
17. **Qual a idade da criança quando perdeu o/a progenitor/a?** Tinha 5 anos e meio mais ou menos.
18. **Pode falar-me sobre o/a progenitor/a vivo/a da criança? É uma pessoa presente na vida da mesma?** Era presente, era uma família de cinco pessoas, tinha dois irmãos sendo que ela era a do meio, tinha uma irmã mais velha e um irmão mais novo. Viviam os cinco, portanto em família. A mãe apesar de frequentar as reuniões e ir buscar a menina era uma pessoa distante.

19. Sabe como foi comunicada à criança o falecimento do/a progenitor/a? Pode contar-me? Eu acho que não foi a mãe, acho que foi um familiar, a madrinha. Não foi na escola ela entretanto ficou em casa. É assim quando o pai faleceu ela estava na escola, foi de repente, foi ataque cardíaco. A mãe telefonou para avisar que o pai tinha falecido e quem ia buscar era a madrinha da menina. Penso que foi na casa da madrinha fora do ambiente familiar dela, penso eu que uma vez o pai faleceu em casa, retiraram as crianças de casa uns dias. Tiveram com familiares até ser o funeral até acalmar.

20. Conte-me como é que a criança relata o que aconteceu na sua vida.

Ela não falava muito. Não contava como ele morreu pois não lhe deram pormenores, mas adequaram o discurso à idade dela. Voltou passado três ou quatro dias, ela veio visivelmente triste abalada, também era uma miúda introspectiva já por ela não falava muito. Fazia desenhos com muita frequência. Desenhava a família toda, dizia que o pai já tinha morrido mas que ela o queria desenhar à mesma, era um discurso muito neste sentido. Não era uma conversa espontânea.

Objectivo 3: Compreender a criança, nomeadamente os seus comportamentos após a perda

21. Como considera que a criança se adaptou à situação da perda? Ela ficou visivelmente triste e era uma situação que compreendia que toda a família também estava. Nas vivências e nas nossas atividades ela correspondia, brincava e fazia, agora estava mais carente, procurava mais o adulto, eu acho que ela estava muito triste e até me chegou a incomodar. Falávamos com ela, e ela no fundo tentou reorganizar-se. Tinha muita necessidade de desenhar o pai, talvez também porque ela desenhava muito bem e era uma atividade que gostava de fazer, e foi a forma que ela encontrou para resolver esta situação, ainda para mais de uma forma repentina. Usou o desenho que era uma atividade que ela tinha uma facilidade até mais do que o diálogo com os adultos ou com os seus pares, acho que foi mais fácil para ela. A mãe não dava o apoio que ela necessitava, também tinha dificuldades em lidar com a situação e depois ainda tinha um filho mais velho com dificuldades escolares também não ajudou. Depois também ficou com três filhos e eu até percebo, fazer o luto do marido e depois educar três crianças, não foi fácil. Tentamos sempre ajudar. Entretanto o ano lectivo terminou, e ela ia para o 1º Ciclo e soube posteriormente que não correu muito bem. Se fosse hoje teria dito para ela ficar mais um ano na pré pois era uma menina de Dezembro, condicional e teria dado o apoio emocional que ela precisava. Foram muitas mudanças num curto espaço de tempo.

22. Considera que a criança tem ciente no seu pensamento que esta perda é definitiva? Eu acho que ela embora não tenha compreendido logo que com o passar do tempo foi-se apercebendo. No dia-a-dia é que ela foi entendendo que o pai nunca mais voltava.

23. Existiram alterações do comportamento após o falecimento do/a progenitor/a?

Quais? Secalhar chorava mais facilmente estava mais sensível, mais calada, interagia menos com os amigos. Ela era daquelas meninas calminhas muito contemplativas. Temos dificuldade em avaliar. Mas eu acho que ela estava muito triste, procurava muito o adulto. Ela talvez entendesse que o adulto compreendia melhor a situação que ela estava a passar porque para os outros meninos dificilmente se conseguem colocar numa posição destas, mesmo que ela tenha falado, eles nunca viveram é tudo muito baseado naquilo que eles vivem, naquilo que viveram e viram.

24. Como é que esta criança se relaciona com os colegas? Após a morte? Acho que já respondi um pouco a isso. Ela procurava mais o adulto e interagir menos com os outros. Mas também brincava com os outros secalhar não com a mesma alegria mas também ela era uma miúda mais para o introvertido, mais calma mesmo antes da perda. Mas nunca deixou de brincar com os amigos.

25. Como é o comportamento da criança fora do meio escolar? Conhece? A necessidade que tinha de ter a atenção do adulto também tinha demonstrava em casa com a mãe e com os avós, quando ia para a casa deles. Era um pouco o espelho do que era connosco era em casa.

Objectivo 4: Conhecer a gestão a nível de sala de aula de um 1º ciclo com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores

26. Em que ano lectivo ocorreu esta situação? 2010/2011

27. A perda deu-se antes ou depois de já estar inserido no grupo? Depois de já estar inserida no grupo, eu lembro-me que deve ter sido aí em Maio, já estávamos na primavera.

28. Se antes, como foi a sua inserção?

29. Se depois, como foi o regresso? Foi como se nada tivesse acontecido. A mãe estava muito ocupada e queria resolver a vida dela, estava sobrecarregada e a criança foi passado três ou quatro dias depois.

30. Esta criança dispunha de algum apoio? Teve sessões com a psicóloga da instituição. No primeiro dia após o regresso a psicóloga teve uma conversa com ela para compreender qual o tipo de apoio necessitava.

31. Considera que o desenvolvimento emocional e cognitivo desta criança foi afetada devido à perda? A que níveis? Penso que sim, a termos emocionais sem dúvida, ficou com muitos receios e um pouco bloqueada. A parte emocional creio que posteriormente interferiu com a parte cognitiva.

32. Tem algum cuidado especial, aos níveis da fala, das acções? Pode contar-me? Sim, claro. Tenho de ter algum cuidado até mesmo quando estou a dirigir uma atividade. Tenho de pensar que aquela criança está em sofrimento que tenho de ter consciencia que as minhas acções e o que eu digo pode fazer com que ela se sinta mais triste.

- 33. Existem atividades direcionadas à problemática da criança? Por exemplo: Leitura de histórias que vão ao encontro do tema** Na altura não tinha, tentei mas por acaso não encontrei nada. Secalhar teria sido interessante trabalhar com a criança, mas também foi um pouco traumatizante para nós, pois foi muito inesperado. O que tentei fazer foi trabalho individualizado.
- 34. Existe conversas em grande grupo sobre a morte? O que é, como acontece, o que acontece depois da morte?** Sim, houve uma conversa. Eu acho que isto faz mais sentido para a criança do que para as restantes, pois para eles a morte passa um pouco ao lado, não tem a mesma importância como para quem vive. Mas nestas idades de três anos desaparece do universo deles eles compreendem que há uma falta, agora aos cinco, seis anos já marca.
- 35. Houve alteração do rendimento da criança nas várias áreas? (Pintura, desenho, faz de conta, biblioteca, moldagem, etc.).** O desenho foi uma ferramenta que ela utilizou, foi a forma que uso para comunicar e resolver o que estava a viver. O desenho veio ajudar a perceber, a aceitar e a resolver a morte do pai. Era uma coisa que ela gostava muito de fazer, foi a ferramenta eleita. Tendo diminuindo sim, o rendimento nas restantes áreas.

Objectivo 5: Compreender o docente em relação à criança e à temática apresentada

- 36. Conte-me o que acha sobre a importância que é dada a esta temática a nível académico e nos estabelecimentos de ensino?** Não é muito, não é dada importância nenhuma. É pouco falada, foi-nos dada pouca informação sobre isso. Eu acho que a morte é algo que as pessoas não gostam de falar porque elas próprias tem receio, medos é um assunto pouco agradável. Sendo que a morte marca as pessoas cada uma da sua forma, mas por norma pela negativa logo as pessoas não gostam de falar, portanto se as pessoas não gostam de falar é um tema que acaba por não ser muito abordado. Aquilo que eu sabia na altura era pouco, já tinha vivido duas situações mas como nas duas outras as crianças ficaram pouco tempo comigo acabaram por não me marcar tanto. Eu tinha pouca informação sobre isso, mas tive o apoio da psicóloga que ajudou bastante e pronto tive a minha própria experiência pessoal. Em termos da minha formação nunca tive este tema aprofundado.
- 37. Como se sentiu quando soube desta perda? Soube sempre como agir?** Fiquei muito chocada, porque foi uma coisa muito repentina, porque foi comunicada pela mãe da criança que nos telefonou, porque o pai da menina tinha falecido, e foi um telefonema mesmo em cima do acontecimento e eu só pensava como é que aquela criança vai superar uma situação destas uma vez que era uma menina sensível uma criança com algumas fragilidades em termos emocionais, com aquela idade iria ter um grande impacto na sua vida. Tive muitas dúvidas, se estaria a fazer bem, se estaria a ajuda-la, porque lá está, não me sentia confortável com este assunto, tive muitas

dúvidas. Agora, todos os anos leio uma história para eles interiorizarem que como existe a vida existe também a morte e que deve ser falado.

38. Conte-me como define o percurso que fez com aquela criança. Os pontos positivos e os negativos. Os pontos negativos é o ter muito pouca informação de como deveria agir e o eu própria me sentir muito insegura. E os pontos positivos foi o ter trabalhado em conjunto com a psicóloga e ter-lhe dado aquilo que ela mais necessitava que era o apoio emocional, a estabilidade a confiança, mas pronto sempre com muitas dúvidas.

39. Olhando para o que já foi vivenciado mudaria algo? Se sim, o quê e porquê? Tinha optado por dizer à mãe que ela poderia ficar mais um ano no pré-escolar, mas pronto isto é depois de já saber que ela teve dificuldades de adaptação, de integração e de aprendizagem, que obviamente que foi o reflexo do que passou. Ficaria mais um ano connosco para se estabilizar.

Apêndice E

Apêndice E - Transcrição da entrevista - 1º Ciclo

No âmbito do tema escolhido para a realização da minha dissertação final de mestrado, optei por entrar em contacto com educadores/ras e professores/ras do 1º Ciclo do Ensino Básico com a finalidade de compreender como é feita a gestão a nível de sala com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores.

Este trabalho tem fins única e exclusivamente académicos, estando desta forma garantido o anonimato e confidencialidade desta entrevista.

Objectivo 1: Caracterização do entrevistado

1. **Nome:** AD.
2. **Idade:** 40 anos
3. **Nacionalidade:** Portuguesa
4. **Profissão exercida atualmente?** Professora do 1º Ciclo
5. **Quais são as suas habilitações literárias?** Licenciatura
6. **Em que ano terminou o seu curso?** 2003
7. **Onde tirou o seu curso?** ISCTE.
8. **Voltou a estudar posteriormente?** Não
9. **Em que estabelecimento de ensino lecciona?** EB Pedra Mourinha - Portimão
10. **Esse estabelecimento de ensino pertence a algum agrupamento?** sim
11. **Se sim, qual?** Agrupamento de Escolas Judite Fialho
12. **Há quanto tempo se encontra nesse estabelecimento de ensino?** 11 anos
13. **Quais são as funções que desempenha?** Neste momento só sou professora titular
14. **Esteve noutro estabelecimento de ensino?** Sim.
15. **Se sim, qual? Quanto tempo? Que funções desempenhava?** , Quando disse que tinha estado 11 anos estive 11 anos neste agrupamento, neste agrupamento de Pedra Mourinha estou 5 anos, estive noutro 7 anos. Mas já dei aulas noutros estabelecimentos.

Objectivo 2: Conhecer a perda da criança

61. **Qual dos progenitores a criança perdeu?** O pai.
62. **Qual a idade da criança quando perdeu o/a progenitor/a?** 8 anos
63. **Pode falar-me sobre o/a progenitor/a vivo/a da criança? É uma pessoa presente na vida da mesma?** A mãe sim era muito presente, continua a ser muito ativa.
64. **Sabe como foi comunicada à criança o falecimento do/a progenitor/a? Pode contar-me?** A criança estava com o pai quando o pai foi hospitalizado. A criança assistiu á convulsão do pai e percebeu o que estava a acontecer naquela altura. O pai esteve internado no hospital uns dias e ele acompanhou sempre.
65. **Conte-me como é que a criança relata o que aconteceu na sua vida.** É uma criança especial, uma criança que acredita muito na vida depois da morte foi criada nas energias, ele acredita que o pai mesmo estando ausente fisicamente, ele acredita que o pai está sempre com ele. Acho que ele fala como se fosse voltar a encontrar com o pai,

ele reagiu na altura muito bem. Tentamos de todas as formas protege-lo. Os pais estão divorciados e isto aconteceu no fim de semana do pai. O pai tinha voltado para Portugal há pouco tempo, estava cá a residir e ele estava a passar o fim de semana com o pai e o pai teve uma convulsão. E na altura em que o pai foi hospitalizado teve uma esperança que se regenerasse, mas ele tinha noção que aquilo que aconteceu com o pai não era uma situação normal. Na altura até estávamos a estudar o corpo humano e ele compreendeu exatamente o que se estava a passar com o pai. Teve auxílio da psicóloga do hospital, fez seis sessões com ele e viu que ele estava muito bem psicologicamente. Meteram sempre a criança ocorrente do que se estava a passar com o pai e tinha consciência de que se o pai acordasse do coma que o pai ia ficar com maselas, provavelmente não iria poder sequer falar então tinha consciência do sofrimento em que o pai estava por isso para ele quando o pai faleceu ele aceitou muito bem, disse que o pai tinha deixado de sofrer encarou como uma benção para o pai. O processo dele foi muito surpreendente para todos. Ele tem uma maturidade extraordinária.

Objectivo 3: Compreender a criança, nomeadamente os seus comportamentos após a perda

- 66. **Como considera que a criança se adaptou à situação da perda?** Adaptou-se muito bem, aceitou bastante bem a situação.
- 67. **Considera que a criança tem ciente no seu pensamento que esta perda é definitiva?** Sim, sabia que fisicamente não estaria mais presente mas acreditava que o pai estava sempre com ele.
- 68. **Existiram alterações do comportamento após o falecimento do/a progenitor/a?** Quais? Nada, nada.
- 69. **Como é que esta criança se relaciona com os colegas?** Muito bem.
- 70. **Como é o comportamento da criança fora do meio escolar? Conhece?** Conheço, é muito próximo da mãe, eles são dois companheiros, descrevem muito a sua relação não como mãe e filho mas sim como companheiros. E tem umas primas que se dá muito bem, praticamente é com quem se dá.

Objectivo 4: Conhecer a gestão a nível de sala de aula de um 1º ciclo com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores

- 71. **Em que ano lectivo ocorreu esta situação?** 3º ano / 2019/2020
- 72. **A perda deu-se antes ou depois de já estar inserido no grupo?** Depois
- 73. **Se antes, como foi a sua inserção?**
- 74. **Se depois, como foi o regresso?** Foi muito emocionante eu tenho uma turma muito querida, já veem alguns juntos do pré-escolar. Ele quando regressou foi muito mimado, combinei com a turma não falar diretamente com ele sobre a situação, combinamos que

estariamos prontos para o ouvir, ele tomou a iniciativa de falar do assunto, assim que estive com os colegas no intervalo disse-lhes logo para eles não se preocuparem que ele estava bem. A preocupação dos colegas foi o bem estar do menino, afetou muito a turma, alias até achei que afetou muito mais a turma do que o menino a quem aconteceu. Até pensava que mais tarde é que iria sentir mas não.

- 75. Esta criança dispunha de algum apoio?** Teve apoio hospital da psicologa, pouco tempo, mas não, é aluno do quadro de mérito e continuou.
- 76. Considera que o desenvolvimento emocional e cognitivo desta criança foi afetada devido à perda? A que níveis?** Não.
- 77. Tem algum cuidado especial, aos níveis da fala, das acções? Pode contar-me?** Sim, ficamos sempre muito constrangidos e no fim ele é que alivia o ambiente.

Objectivo 5: Compreender o docente em relação à criança e à temática apresentada

- 78. Conte-me o que acha sobre a importância que é dada a esta temática a nível académico e nos estabelecimentos de ensino?** Eu acho que é dada pouca importância. Muitos casos e pouca importância, foi difícil encontrar algo que chegasse a eles para além de mim, de ser só eu a falar.
- 79. Como se sentiu quando soube desta perda? Soube sempre como agir?** Não consigo explicar, foi muito difícil para mais porque eu conhecia o pai. Não soube sempre como agir por mais que eu me tentasse precaver não soube sempre, levei o meu amor e o carinho até ele e deixei que fosse ele a fazer o resto. Apartir daí foi ele que sempre me procurou para falar. Foi ele que cuidou de nós.
- 80. Conte-me como define o percurso que fez com aquela criança. Os pontos positivos e os negativos.** Eu acho que só houve pontos positivos, lá está porque ele reagiu bem, mas eu só vi pontos positivos, pois tudo aquilo que nos preparamos ele conseguiu superar.
- 81. Olhando para o que já foi vivenciado mudaria algo? Se sim, o quê e porquê?** Não. Foi muito desafiante pois na minha carreira esta foi a primeira vez e foi muito violento mas a forma como ele reagiu foi como retirar um peso.

Apêndice F

Apêndice F - Transcrição da entrevista - Pré-escolar

No âmbito do tema escolhido para a realização da minha dissertação final de mestrado, optei por entrar em contacto com educadores/ras e professores/ras do 1º Ciclo do Ensino Básico com a finalidade de compreender como é feita a gestão a nível de sala com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores.

Este trabalho tem fins única e exclusivamente académicos, estando desta forma garantido o anonimato e confidencialidade desta entrevista.

Objectivo 1: Caracterização do entrevistado

1. **Nome:** CO.
2. **Idade:** 49 anos
3. **Nacionalidade:** Portuguesa
4. **Profissão exercida atualmente?** Educadora de Infância
5. **Quais são as suas habilitações literárias?** Licenciatura
6. **Em que ano terminou o seu curso?** 1993
7. **Onde tirou o seu curso?** Instituto Jean Piaget
8. **Voltou a estudar posteriormente?** Não, só fiz formações de curta e longa duração, mas a nível académico não.
9. **Em que estabelecimento de ensino lecciona?** No Centro Paroquial de Arrentela, no Jardim de Infância Pica Pau.
10. **Esse estabelecimento de ensino pertence a algum agrupamento?** Não. Pertence à rede solidária. Sendo que para efeitos de ingresso no 1º Ciclo é como se pertencesse à Augusto Louro.
11. **Se sim, qual?**
12. **Há quanto tempo se encontra nesse estabelecimento de ensino?** Desde 93, há 26 anos.
13. **Quais são as funções que desempenha?** Sou Educadora de Infância no Pré-escolar.
14. **Esteve noutro estabelecimento de ensino?** Não.
15. **Se sim, qual? Quanto tempo? Que funções desempenhava?**

Objectivo 2: Conhecer a perda da criança

16. **Qual dos progenitores a criança perdeu?** O pai.
17. **Qual a idade da criança quando perdeu o/a progenitor/a?** Tinha 4.
18. **Pode falar-me sobre o/a progenitor/a vivo/a da criança? É uma pessoa presente na vida da mesma?** A mãe era presente.
19. **Sabe como foi comunicada à criança o falecimento do/a progenitor/a? Pode contar-me?** Foi a mãe que falou com ela, a mãe contou-lhe tudo, mas primeiro aconselhou-se disse que o pai era uma estrelinha que estava no céu e com o passar do tempo contaram ela até chegou a ir ao cemitério com a mãe e com o irmão.
20. **Conte-me como é que a criança relata o que aconteceu na sua vida.**

Ela contou-nos, teve uns dias sem ir ao colégio mas quando foi contou-nos, disse que a mãe lhe contou que o pai tinha morrido que agora era uma estrelinha. Todas as noites ia à janela ver as estrelas.

Objectivo 3: Compreender a criança, nomeadamente os seus comportamentos após a perda

- 21. Como considera que a criança se adaptou à situação da perda?** Eu acho que ela adaptou-se bem porque teve sempre o acompanhamento da mãe e andou no psicólogo. Eu acho que ela aceitou bem, continuou a falar do pai.
- 22. Considera que a criança tem ciente no seu pensamento que esta perda é definitiva?** Não, ela sabia que era definitiva, com tudo aquilo que lhe foram dizendo e explicando ela percebeu que era definitiva.
- 23. Existiram alterações do comportamento após o falecimento do/a progenitor/a? Quais?** Houve uma altura que estava mais triste e falava muito muito do pai, quando o pai era vivo ela falava do pai, mas depois da morte falava mais. Brincava com os amigos mas procurava muito mais o adulto.
- 24. Como é que esta criança se relaciona com os colegas?** Relacionava-se bem, primeiro isolou-se um bocadinho mas depois voltou.
- 25. Como é o comportamento da criança fora do meio escolar? Conhece?** Não conheço, mas sei que a mãe se esforçou por manter as rotinas dela e do irmão.

Objectivo 4: Conhecer a gestão a nível de sala de aula de um 1º ciclo com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores

- 26. Em que ano lectivo ocorreu esta situação?** 10 anos atrás.
- 27. A perda deu-se antes ou depois de já estar inserido no grupo?** Depois de já estar inserida no grupo.
- 28. Se antes, como foi a sua inserção?**
- 29. Se depois, como foi o regresso?** Ela teve uns dias em casa mas quando voltou fizemos um período de adaptação, procurava mais o adulto.
- 30. Esta criança dispunha de algum apoio?** Sim, teve o psicólogo.
- 31. Considera que o desenvolvimento emocional e cognitivo desta criança foi afetada devido à perda? A que níveis?** Não, ela era uma criança muito ativa, depois da perda continuou a participar.
- 32. Tem algum cuidado especial, aos níveis da fala, das acções? Pode contar-me?** Sim, falei com a mãe, para saber também como é que a mãe achava que devíamos abordar a situação. Para saber como fazer como era com as épocas festivas. Então a mãe deu a liberdade à criança de decidir se queria fazer ou não.
- 33. Existem atividades direcionadas à problemática da criança? Por exemplo: Leitura de histórias que vão ao encontro do tema.** Não.

34. **Existe conversas em grande grupo sobre a morte? O que é, como acontece, o que acontece depois da morte?** Sim, houve uma conversa.
35. **Houve alteração do rendimento da criança nas várias áreas? (Pintura, desenho, faz de conta, biblioteca, moldagem, etc.).** Não houve, resguardou-se no desenho. Desenhava o pai.

Objectivo 5: Compreender o docente em relação à criança e à temática apresentada

36. **Conte-me o que acha sobre a importância que é dada a esta temática a nível académico e nos estabelecimentos de ensino?** Eu acho que ficamos sempre constrangidos com uma situação destas, mas pronto agora temos a psicóloga que podemos pedir o apoio dela. Mas acho que não somos muito bem preparados para isso. Ficamos sempre perdidos.
37. **Como se sentiu quando soube desta perda? Soube sempre como agir?** Não, tive de algumas dúvidas, se havia de falar do pai, se não, se havia de dar mais atenção aquela criança, mas a mãe apoiou-nos muito o que fez com que nos desse mais segurança.
38. **Conte-me como define o percurso que fez com aquela criança. Os pontos positivos e os negativos.** O mais positivo foi ela ter conseguido o estar aberta, o falar connosco, e nós tentamos dar apoio para ela seguir o caminho dela, e negativo não acho que tivesse havido.
39. **Olhando para o que já foi vivenciado mudaria algo? Se sim, o quê e porquê?** Na altura podia ter falado em grande grupo, se fosse hoje tinha pegado no tema e tinha falado com o grupo de uma forma suave. Foi tratado muito com a criança de forma individual.

Apêndice G

Apêndice G - Transcrição da entrevista - 1º Ciclo

No âmbito do tema escolhido para a realização da minha dissertação final de mestrado, optei por entrar em contacto com educadores/ras e professores/ras do 1º Ciclo do Ensino Básico com a finalidade de compreender como é feita a gestão a nível de sala com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores.

Este trabalho tem fins única e exclusivamente académicos, estando desta forma garantido o anonimato e confidencialidade desta entrevista.

Objectivo 1: Caracterização do entrevistado

1. **Nome:** JT
2. **Idade:** 62 anos
3. **Nacionalidade:** Portuguesa
4. **Profissão exercida atualmente?** Professora do 1º Ciclo
5. **Quais são as suas habilitações literárias?** Licenciatura de Matemática e Ciências
6. **Em que ano terminou o seu curso?** 1979
7. **Onde tirou o seu curso?** Instituto Piaget
8. **Voltou a estudar posteriormente?** Não
9. **Em que estabelecimento de ensino lecciona?** Escola Básica de Vale Rosal
10. **Esse estabelecimento de ensino pertence a algum agrupamento?** Sim
11. **Se sim, qual?** Agrupamento de Escolas Daniel Sampaio
12. **Há quanto tempo se encontra nesse estabelecimento de ensino?** Desde 2007
13. **Quais são as funções que desempenha?** Professora do apoio educativo
14. **Esteve noutro estabelecimento de ensino?** Sim.
15. **Se sim, qual? Quanto tempo? Que funções desempenhava?** 5 anos, professora titular, coordenadora da escola, professora de apoio

Objectivo 2: Conhecer a perda da criança

16. **Qual dos progenitores a criança perdeu?** O pai.
17. **Qual a idade da criança quando perdeu o/a progenitor/a?** 9 anos
18. **Pode falar-me sobre o/a progenitor/a vivo/a da criança? É uma pessoa presente na vida da mesma?** Era uma pessoa presente, durante a doença do pai a mãe viu-se aflita em termos de tempo mas tentou sempre acompanhar o filho e o seu trabalho, mas sim é presente.
19. **Sabe como foi comunicada à criança o falecimento do/a progenitor/a? Pode contar-me?** O aluno foi-se apercebendo pois foi um processo lento, pois foi doença oncológica. O pai foi internado de urgência, e de vez em quando ia com a mãe ao hospital, e numa das vezes que foi ao hospital à chegada não conseguiu conter-se e acabou por contar que o pai não ia voltar mais para casa.
20. **Conte-me como é que a criança relata o que aconteceu na sua vida.** Contava que o pai esteve doente, que o pai estava no hospital, que acabou por ir embora e que já não voltava.

Objectivo 3: Compreender a criança, nomeadamente os seus comportamentos após a perda

21. **Como considera que a criança se adaptou à situação da perda?** Ficou introvertido, estava mais parado ainda do que era antes. Demorou para que a criança conseguisse fazer o luto. Puxei um pouco por ele para que conseguisse fazer as coisas. E passado um tempo começou a verbalizar, a chorar. Levou o seu tempo mas adaptou-se bem.
22. **Considera que a criança tem ciente no seu pensamento que esta perda é definitiva?** Penso que no início não, ou seja não queria aceitar, acho que ele pensava que o pai estava no hospital.
23. **Existiram alterações do comportamento após o falecimento do/a progenitor/a? Quais?** Sim, ficou mais introvertido era necessário muita calma, reforço positivo. Ficou mais apático, nervoso.
24. **Como é que esta criança se relaciona com os colegas?** Relacionava-se bem com os colegas, mas pedia muito para ir para o pé da mãe, acho que com medo que acontecesse com a mãe o que aconteceu com o pai.
25. **Como é o comportamento da criança fora do meio escolar? Conhece?** Não conheço.

Objectivo 4: Conhecer a gestão a nível de sala de aula de um 1º ciclo com uma criança que lhe tenha falecido um dos progenitores

26. **Em que ano lectivo ocorreu esta situação?** 1993/1994
27. **A perda deu-se antes ou depois de já estar inserido no grupo?** Depois de estar inserido
28. **Se antes, como foi a sua inserção?**
29. **Se depois, como foi o regresso?** Houve uma conversa com a criança antes de regressar à turma, pedi autorização à mãe para falar sobre o assunto. Houve crianças sensibilizadas com a situação.
30. **Esta criança dispunha de algum apoio?** Embora houvesse na escola uma psicóloga ele não teve. O apoio foi feito pela escola, família que foram o apoio.
31. **Considera que o desenvolvimento emocional e cognitivo desta criança foi afetada devido à perda? A que níveis?** A mãe ajudou maravilhosamente este filho, mas acho que não.
32. **Tem algum cuidado especial, aos níveis da fala, das acções? Pode contar-me?** Claro, sou humana, ele estava em sofrimento.

Objectivo 5: Compreender o docente em relação à criança e à temática apresentada

33. **Conte-me o que acha sobre a importância que é dada a esta temática a nível académico e nos estabelecimentos de ensino?** Falamos, falamos no trauma na perda, no luto, fizemos alguns trabalhos de investigação, mas a importância es tu como docente que dás, é muito do nosso pessoal.

- 34. Como se sentiu quando soube desta perda? Soube sempre como agir?** As vezes ficava muito comovida, claro que não foi fácil lidar com a perda da criança. Não soube sempre como agir, tirou-me horas de sono. Já tinha alguma experiência mas não soube sempre como agir.
- 35. Conte-me como define o percurso que fez com aquela criança. Os pontos positivos e os negativos.** Penso que na atuação que pude fazer com a criança, o apoiar, ajudar, compreender, acho que fica sempre aquela sensação que podíamos ter feito mais.
- 36. Olhando para o que já foi vivenciado mudaria algo? Se sim, o quê e porquê?** Poderia ter chamado o adulto também, porque o adulto também precisa de falar, secalhar no início poderia ter conhecido o pai.

Apêndice H

Apêndice H - Tabela Síntese

Objectivos	Entrevistado 1 – Pré-escolar	Entrevistado 2 – 1ºCiclo	Entrevistado 3 – Pré-escolar	Entrevistado 4 – 1º Ciclo
1. Caracterização do entrevistado	55 anos, Educadora de Infância do Pré-escolar, Centro Paroquial Arrentela - Pica Pau	40 anos, professora do 1 ciclo, E. B. Pedra Mourinho, Portimão	49 anos, Educadora de Infância do Pré-escolar no Centro Paroquial Arrentela Pica Pau	62 anos, Professora do apoio educativo na Escola Básica de Vale Rosal
2. Conhecer a perda da criança	A perda da criança foi o pai, com 5 anos de idade e a sua progenitora viva era uma pessoa distante. Esta menina tinha dois irmãos. O falecimento do pai foi-lhe comunicado fora do seu ambiente, ou seja, na casa da madrinha. A essência da criança era de introspecção, não sendo muito faladora. Teve acesso a poucos pormenores sobre a morte do pai, os que soube foram com o discurso adaptado ao seu desenvolvimento. O regresso à escola foi calmo sem que houvesse muito diálogo sobre o sucedido.	A perda da criança foi o progenitor, e esta aconteceu quando a mesma tinha 8 anos de idade, a progenitora viva é uma pessoa muito ativa na vida da criança. O sucedido deu-se quando a criança estava com o pai, o mesmo teve uma convulsão que o levou ao hospital. Está criança e uma criança que acredita na vida após a morte, acredita em espíritos, logo ela acredita que o pai está sempre com ela e fala como se o pai fosse voltar a estar com ela.	A criança perdeu o pai quando tinha 4 anos de idade e a sua progenitora viva era uma pessoa presente na vida da criança. A comunicação da perda foi feita pela mãe que lhe contou tudo, mas antes informou-se de como deveria fazer, o descrever da perda é tal e qual como foi contado pela mãe. A mãe disse-lhe que o pai era uma estrelinha.	A criança perdeu o pai quando tinha 9 anos, a sua mãe era uma pessoa presente na sua vida. Esta criança foi-se apercebendo que o pai não estava bem pois o mesmo era doente oncológico logo não foi para ele um choque tão grande, foi numa ida ao hospital que mãe da criança acabou por lhe contar que o pai tinha falecido. Esta criança apenas falava que o pai era doente.
3. Compreender a criança, nomeadamente os	A criança tentou a todo o custo reorganizar-se. Sentia uma enorme necessidade em se refugiar no	Adaptou-se muito bem a perda e sabia que esta era definitiva. Não teve alterações de	A criança adaptou-se bem a perda e estava ciente de que esta era definitiva, tendo	A criança demorou para fazer o luto, ficou mais introvertido, mas acabou por se adaptar

seus comportamentos	<p>desenho, desenhando sempre o pai. O desenho era a forma como ela tentava ultrapassar o que se passou na sua vida. Com o passar o tempo foi ganhado noção da irreversibilidade, pois ao início não tinha noção que esta perda iria ser definitiva. Relativamente ao comportamento este alterou-se e ao nível emocional também, pois chorava mais facilmente e apresentava-se mais sensível, calada e interagia menos com os pares, sendo que procurava mais o adulto. Manteve a relação com os amigos se bem que com menos alegria. O seu comportamento fora do meio escolar era um espelho do que era na escola.</p>	<p>comportamento e a sua relação com os colegas manteve-se ótima.</p> <p>Relativamente ao comportamento fora do meio escolar este era caracterizado por "mini-homem" e tinha uma relação de companheirismo com a sua mãe.</p>	<p>havido alterações no comportamento da criança pois está apresentava-se mais triste, mais calada e quando falava era sempre do pai. Tinha um relacionamento bom com os colegas, mas numa primeira fase isolou-se tendo posteriormente voltado a brincar. Não há informação sobre o comportamento fora da escola só que a mãe tentou manter as rotinas.</p>	<p>bem. No início do luto a criança não sabia que a perda era definitiva, achava que o pai estava no hospital. As relações com os colegas eram boas e o seu comportamento fora do meio escolar é desconhecido.</p>
<p>4. Conhecer a gestão a nível de sala de aula de um Pré-escolar / 1º Ciclo com uma criança que lhe tenha</p>	<p>A perda desta criança deu-se após estar inserida no grupo e o seu regresso foi como se nada se tivesse passado, foi auxiliada pela psicóloga da escola. Esta criança</p>	<p>A perda ocorreu após estar inserido no grupo e quando regressou foi muito mimado, muito bem recebido. Foi avaliado pela psicóloga do</p>	<p>A perda deu-se após estar inserido no grupo e no regresso foi feito um período de adaptação. Era uma criança que procurava muito o</p>	<p>A perda deu-se depois de estar inserido no grupo, houve uma conversa com a criança e com mãe antes do regresso, quando o mesmo aconteceu a</p>

falecido um dos progenitores	<p>foi afetada pela perda a nível cognitivo e emocional, no que toca à parte emocional mostrou ter ficado com muitos receios e ficou um pouco bloqueada, devido à parte emocional estar instável interferiu diretamente com a parte cognitiva. A entrevistada admite ter tido cuidados quando falava e agia com a criança, pois sabia perfeitamente que a criança estava em sofrimento, a nível de sala de aula não houve trabalho que fosse ao encontro do tema, foi feito um trabalho mais individual. Houve apenas uma conversa em grande grupo, sendo que a mesma apenas faz sentido para a criança visada pois os outros como ainda não vivenciaram não compreendem.</p> <p>Houve uma diminuição do rendimento da criança nas áreas.</p>	hospital e não foi seguido pois não teve nenhum transtorno nem a nível emocional nem cognitivo A entrevistada considera que todos ficaram constrangidos e têm cuidado com a fala e com as atitudes, acabando por ser a criança a aliviar o ambiente.	<p>adulto e foi acompanhada por uma psicóloga. Quanto ao desenvolvimento emocional e cognitivo este não foi afetado. Houve alterações por parte do adulto na forma de falar e agir.</p> <p>Não houve atividades relacionadas com o tema, existiu apenas uma conversa em grande grupo.</p>	criança pedia atenção das mais variadas formas. Não teve nenhum apoio especializado. Não houve qualquer falha no desenvolvimento emocional e cognitivo.
5. Compreender o	A nível académico é dada pouca	É frisado que é dada pouca	A entrevistada considera que	Durante o percurso académico

docente em relação à criança e à temática apresentada	<p>importância ao tema, a entrevistada afirma que foi lhe dada pouca informação. Houve um choque por parte da entrevistada em relação à morte do progenitor e após isso teve muitas dúvidas se estaria a agir bem ou mal pois não era um assunto sobre o qual estava confortável. Acrescenta ainda que os pontos negativos são a falha de informação de como agir, já o ponto positivo é sem dúvidas poder dispor da ajuda da psicóloga. Se voltasse no tempo a entrevistada afirma que teria falado com a família para que a criança ficasse mais 1 ano no Pré-escolar.</p>	<p>importância a temática. Quando soube da notícia da perda a entrevista sentiu que foi muito difícil e que não soube sempre como agir, embora tentasse sempre se precaver teve muitas dúvidas. Só houveram pontos positivos pelo facto de que a criança reagiu bem a perda. Não mudaria nada do percurso que fez com a criança.</p>	<p>não existe uma boa preparação a nível académico que os educadores ficam sempre perdidos, pois a mesma não soube sempre como agir teve muitas dúvidas. Quanto aos pontos positivos e negativos, acredita que só houve positivos, tendo este sido que toda a equipa conseguiu ajudar a criança de modo a que esta seguisse o seu caminho. Se fosse hoje teria trabalhado o tema de forma suave com o grupo.</p>	<p>da entrevistada houve trabalhos de investigação sobre o tema mas considera que a importância maior é dada pela pessoa enquanto docente. A docente não soube sempre como agir e considera que no fim de tudo achamos sempre que poderíamos ter feito mais alguma coisa</p>
---	--	--	--	--

Tabela 1 - Tabela

Anexos

Anexo A

Anexo A - Declaração RCAAP

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM
Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal,

Inês Rodrigues Santos
Portador do Cartão de Cidadão n.º 14662569

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: A Educação na Morte

Concluído/a em 31/10/2020

Declaro, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da/o ESE - Jean Piaget uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto ☒

Acesso restrito ☐

Acesso fechado ☐

Acesso Embargado¹ ☐ até / /

Email: inees_santhos@hotmail.com Contacto tlf: 964271160

Data: 31/10/2020

Assinatura: Inês Rodrigues Santos

¹Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.

Anexo B

Anexo B - Licença de Distribuição não Exclusiva

ANEXO I

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização:

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra. :

- a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.
- b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.
- c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.
- d) Declara acautelar que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativas à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.
- e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Data: 31/10/2020

Assinatura: Inf. Rodrigues Santos